

PANCETTI:

o mar quando quebra na praia...

FAROL SANTANDER SÃO PAULO

Ministério da Cultura, **Esfera**, **Emdia** e **Santander** apresentam

PANCETTI:

o mar quando quebra na praia...

Curadoria **Denise Mattar**

FAROL SANTANDER SÃO PAULO

de 22 de março a 30 de junho de 2024

Patrocínio

Lei de Incentivo à Cultura Lei Rouanet

Santander

emdia

Esfera

Produção

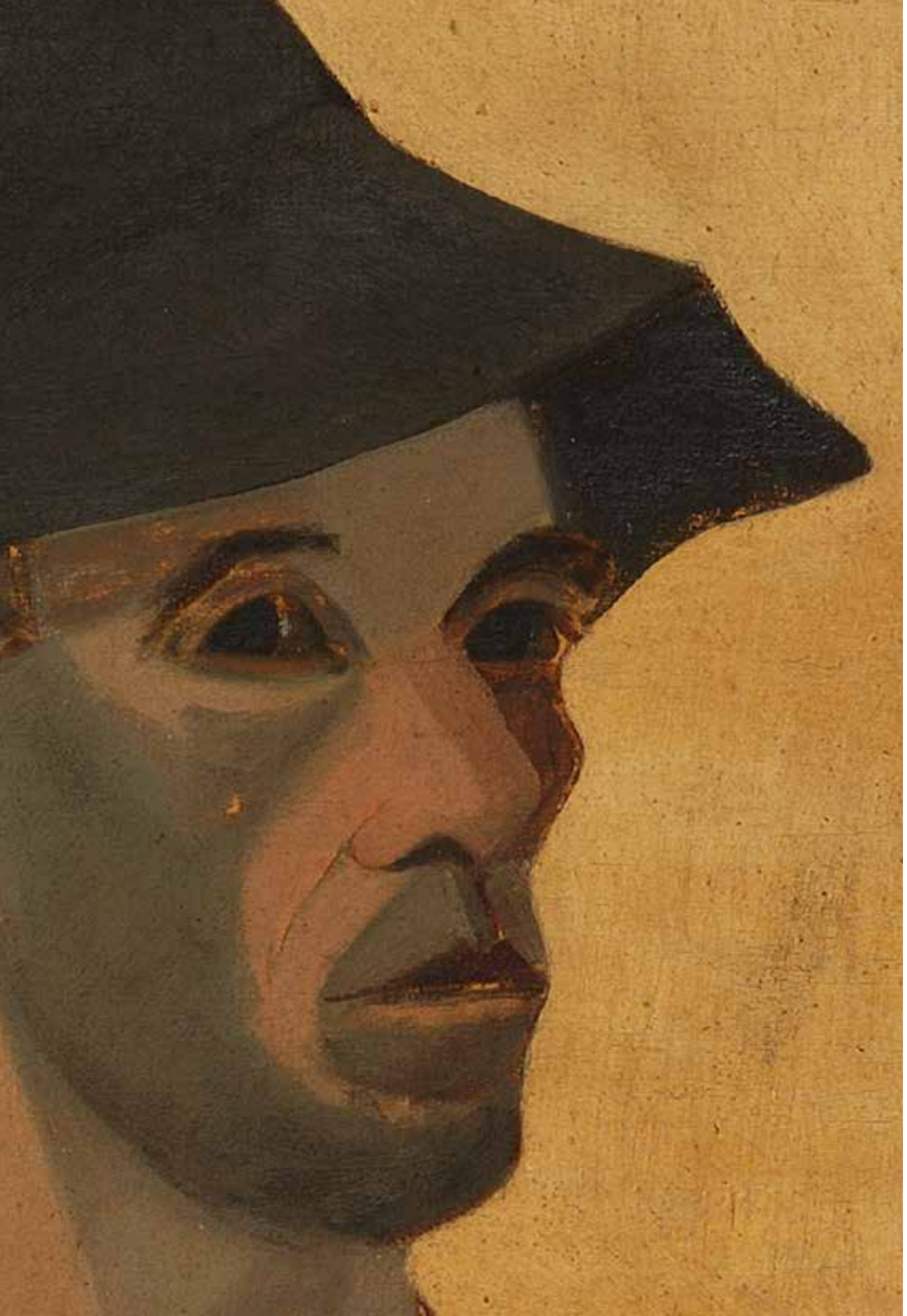
MG PRODUÇÕES CULTURAIS

Realização

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Capa: *Coqueiros de Itapuã* (detalhe), 1956, óleo sobre tela, 45,4 x 64,4 cm, Coleção Santander Brasil



Uma das principais funções do Farol Santander é permitir a seu público o acesso às obras de artistas cuja trajetória é parte integrante da história da arte brasileira. É o caso de José Pancetti, importante pintor do segundo modernismo, cujo nome remete imediatamente ao mar, tanto por sua obra, quanto pela profissão de marinheiro.

Convivendo com a intensidade da luz, a transparência do ar e o horizonte largo que separa céu e água, Pancetti desenvolveu um olhar que foi determinante para a produção de uma obra de linhas despojadas: uma pintura simples, límpida e original.

Nascido em Campinas, ele realizou sua primeira exposição na cidade de São Paulo, porém sua arte transcendeu fronteiras, tornando-se um artista reconhecido em todo o país.

A exposição, com curadoria de Denise Mattar, traça o percurso do artista desde o início de seu trabalho até à produção final, reunindo obras emblemáticas pertencentes a colecionadores particulares e instituições públicas.

A seleção permite ao espectador apreciar as diversas facetas de Pancetti através de um conjunto de obras que nunca estiveram reunidas, sendo algumas delas inacessíveis ao público. É uma oportunidade rara e única que o Farol Santander tem orgulho de proporcionar a seus visitantes.

Ótima visita!

Maitê Leite
Vice-presidente Executiva Institucional

Santander

Autorretrato 1940 (detalhe)



Sem título [paleta do artista] s.d.
óleo sobre madeira 28,5 x 36,5 cm
Coleção Nilma Pancetti, Rio de Janeiro

Sumário

Texto curatorial **05**
Obras **12**
English version **67**

PANCETTI:

o mar quando quebra na praia...

Pancetti foi um pintor original, cujo temperamento solitário e formação quase autodidata favoreceram o nascimento de uma obra singular, repleta de lirismo, melancolia e poesia - uma obra que emociona. Nas palavras de Frederico Morais: "A pintura de Pancetti é como um convés de navio, curtida de sol e sal. Não enferruja. Honesta, limpa, econômica, direta, austera, quase seca, mesmo quando a cor se expande e o gesto abriga a emoção. Não há nele nem o supérfluo, nem o desperdício". Pancetti quase não desenhava, fazia apenas alguns apontamentos a carvão antes de iniciar suas pinturas, e, não gostava de trabalhar no ateliê, preferia pintar ao ar livre; por isso, suas telas são, na sua maioria, de dimensões modestas.

Giuseppe Gianinni Pancetti nasceu em Campinas em 1902, mudando-se com a família para São Paulo em 1912. Seu pai, Giovanni, era pedreiro e mestre de obras na Itália e viera para o Brasil, com a mulher Corinna, em busca de melhores oportunidades - que não se concretizaram. A família era extremamente pobre e vivia em condições precárias, comuns aos imigrantes. O processo de crescimento vertiginoso e caótico da cidade de São Paulo submetia a população comum a opressões e privações hoje inimagináveis. As jornadas de trabalho duravam 16 horas, dois terços das crianças morriam antes dos dois anos e a polícia aterrorizava a todos.... Foi nesse ambiente carregado e pressionado por dificuldades financeiras que o pai de Pancetti, decidiu, em 1913, enviar à Itália os filhos Giuseppe e Ida, acompanhados do tio Casimiro, comerciante de mármore.

O jovem Giuseppe estudou em Massa-Carrara, entrando para a Marinha Mercante Italiana aos 16 anos. Por causa das consequências da I Guerra, resolveu voltar ao Brasil, em 1921, e, no ano seguinte, foi admitido como grumete a bordo do navio Paraná. A infância difícil e as privações da adolescência deixaram marcas profundas na personalidade e na saúde de Pancetti, assim, o ingresso na Marinha Brasileira foi um alívio para as suas atribulações. Ao longo de toda a sua vida a predisposição à tuberculose e o excesso de cigarros, obrigaram o artista a permanecer em repouso por longos períodos, situações nas quais sempre pôde contar com a

compreensão de seus superiores. Permaneceu na ativa até 1946 e, alcançou, já reformado, o posto de 1º Tenente. Tinha um enorme orgulho de ser marinheiro, e, seu amor era correspondido.

Na Marinha, seu talento para o manejo com as tintas logo foi descoberto. "O comandante pediu-me que pintasse seu camarote, e o fiz com tanto esmero, que passei a gozar de consideração especial", escreveu ele em seu diário. Nas horas vagas pintava postais e tampas de caixas de charutos, que trocava com os colegas por cigarros. Em 1929, o "moço das tintas" participou de um curso para auxiliar especialista no qual aprendeu a composição das tintas, os utensílios de pintura e o preparo de superfícies. Mas ele queria mais....

Em 1933, Pancetti foi enviado ao Rio de Janeiro para servir no Quartel do Corpo de Fuzileiros Navais, e isso lhe deu a oportunidade de estudar no Núcleo Bernardelli. Fundado em 1931, o núcleo atuava como um ateliê livre, que se propunha moderno, e onde não havia professores, mas orientadores, e as mensalidades eram usadas para dividir os custos de manutenção. Entre seus integrantes estavam: Edson Motta, Joaquim Tenreiro, Quirino Campofiorito, Bruno Lechowsky e o jovem Milton Dacosta.

O contato com seus pares, entretanto, não foi uma experiência agradável para Pancetti; os exercícios o aborreciam e as críticas mais ainda. Por isso, sua permanência foi curta, mas teve consequências importantes e duradouras. Uma das mais significativas foi o encontro com o polonês Lechowski, o único que reconhecia como mestre. Dele absorveu, e desenvolveu, à sua maneira, a composição organizada por planos geométricos, assim como a sutileza do traço e a austeridade da cor. Também foi ele quem aconselhou o artista a não deixar seu emprego na Marinha, para não ter que comercializar a sua obra. Outro fato importante, decorrente do estágio no Núcleo Bernardelli, foi que Pancetti passou a participar, com regularidade, do Salão Nacional de Belas Artes, integrando-se assim ao restrito circuito artístico da época, vindo a receber várias medalhas e prêmios, inclusive o cobiçado Prêmio de Viagem ao Exterior, em 1941.

O percurso estético do artista é marcado por uma progressiva geometrização, e pela importância que a cor vai ganhando sobre a forma, até tornar-se protagonista quase absoluta das composições. Entretanto, para acompanhar seu trabalho, mais interessante do que dividi-lo em períodos cronológicos, é mostrar as questões subjacentes à sua obra: o ritmo do silêncio, o encanto do cotidiano, a emoção da cor e um lirismo agudo - quase dolorido. Elas permeiam toda a sua produção, realizada nos formatos clássicos: paisagem, retrato e natureza morta, que ele vai revestindo de acentos particulares e inesperados, incluindo a hibridação de gêneros. Acompanhar essa trajetória dentro de cada tema é o que propõe a exposição, revelando a delicada sobriedade e o denso encanto que caracterizam a obra do artista.

Pancetti sempre pintou aquilo que estava mais próximo dele, e, por isso, iniciou seu trabalho retratando barcos, arsenais e galpões da Marinha. Falando sobre essa fase, Mário

Pedrosa dizia que o artista era "uma máquina de ver, de ver, carinhosamente as coisas externas naturais, pois para marinheiros, barco, qualquer que seja, grande ou pequeno, é sempre obra da natureza, faz parte do mar, criador de tudo, das coisas e dos homens ...". O pequeno óleo sobre cartão *Navio de casco vermelho*, 1936, é um exemplo desse olhar amoroso que Pedrosa detecta. *Ilha das Enxadas*, 1940, tem nítida influência de Lechowsky, assim como *Oficinas*, que integra o acervo do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Datada de 1941, com dimensões incomuns para os padrões do artista, a paisagem urbana *O Chão* foi a obra pela qual Pancetti recebeu o Prêmio de Viagem ao Exterior, no primeiro Salão Nacional de Belas Artes que incluiu a Divisão Moderna.

O homem do mar parecia não se adaptar bem à cidade, e dessas primeiras paisagens urbanas de Pancetti desprende-se uma pungente sensação de desconforto, que só faz acrescentar força à sua pintura. As pessoas, quando retratadas, são pequenas, oprimidas entre casas e becos, enquanto que as ruas e quintais estão quase sempre vazios. Os trabalhos têm cores contidas e cezanianas reduções de formas. *Sem título*, s.d., ilustra bem esse período. Reveste-se de caráter especial a obra *Praça Clóvis Bevilacqua*, 1949. Pintada das janelas do Palacete Santa Helena, a tela coloca em primeiro plano a igreja da praça, mas deixa ver ao fundo as inúmeras e tristes chaminés fumegantes das fábricas paulistanas. Noutra clave, mais doce, a nostalgia também parece permear as obras pintadas em *São João del-Rei* em 1945, cidade que Pancetti gostava, e que seria muitas vezes retratada por ele.

O mal-estar das cidades não se repetia no contato com a natureza, e nas muitas viagens de Pancetti pelo Brasil, ele se deixava impregnar totalmente pela luz de cada local, registrando as cores de maneira imediatamente reconhecível. Os trabalhos têm cores contidas e as formas são reduzidas, quase geométricas. O artista usava cortes marcados, até abruptos e enquadramentos incomuns que revelam sua modernidade, bastante diversa de seus contemporâneos. Reformado da Marinha, Pancetti passou, a partir de 1946, a se dedicar exclusivamente à pintura. Sem a rigidez da instituição a conter seu temperamento melancólico, ele entregou-se às paixões românticas e às bebedeiras, alternadas por momentos em que mergulhava em sua inata solidão. Viajou muito pelo litoral, dando início a uma maneira inteiramente pessoal de registrá-lo. O artista, que já tinha o hábito de usar os versos de suas obras para fazer anotações, intensificou essas marcações. Carybé, com propriedade, dizia que ele "tatuava" suas obras.

Devido à fragilidade de sua saúde, Pancetti esteve muitas vezes em Campos do Jordão, pois na época a região era considerada adequada para tratamento de doenças nos pulmões. O artista pintou várias vistas da cidade, mas são especialmente frequentes seus registros das florestas, nas quais fazia longas caminhadas. São exemplos dessa vertente as obras *Floresta*, 1944, e *Bairro da Abissínia*, 1949. Nas suas estadias em praias, Pancetti dava muita atenção ao cotidiano humilde e árduo dos trabalhadores do mar. *Arraial do Cabo*, 1945, é um trabalho incomum, mostrando uma vila de pescadores. Nele, o artista enquadra praia e barcos entre duas "vendas", mostrando a irresistível modorra, quase abandono,

que toma as pessoas do local, sentadas entre galinhas que ciscam. Uma visão bastante próxima dessa vila seria novamente pintada pelo artista em 1948. São trabalhos nos quais as pessoas são simples e sem rostos, sempre pequenas e pintadas com pouquíssimos traços. Em *Rio São João*, 1947, *Cabo Frio*, 1949 e *Saquarema*, 1955, evidencia-se outra característica marcante de Pancetti, o uso das perspectivas diagonais, o olhar oblíquo, como se ele visse o mundo através de uma lente grande angular.

Os retratos de Pancetti são muito particulares. De forma diversa de alguns de seus pares, que aceitavam encomendas para realizar retratos de pessoas da sociedade, o artista sempre elegeu como modelos as pessoas do povo, com as quais se identificava, abrindo algumas exceções para amigos escritores ou músicos. Pescadores, trabalhadores, lavadeiras, donas de casa e alguns familiares povoam seus quadros, pintados sem nenhum tipo de embelezamento ou exaltação, numa absoluta e seca simplicidade. *Figura feminina*, 1945, é um bom exemplo desse tipo de trabalho. O pintor era especialmente lírico ao retratar crianças, observadas com muita ternura e delicadeza. É o caso de *Retrato de Francisco* que mostra um menino negro tendo ao fundo a paisagem de um morro em São João del-Rei, cidade na qual Pancetti passou uma temporada em 1945. A figura ocupa quase a totalidade da tela, com seu olhar doce e ingênuo. O artista pintou, no mesmo ano, uma segunda versão desse retrato conhecido como *Menino Bom*.

Nos seus autorretratos, entretanto, ele solta a imaginação pintando suas fantasias e apresentando-se com diversas personalidades: marinheiro, pintor, almirante, bispo, dando a cada uma dessas personas diferentes densidades psicológicas. No *Autorretrato*, 1939, o artista se apresenta como homem urbano, vestido com uma elegância despojada. Sua roupa casual, que devia causar estranheza na época, repleta de rígidos códigos de vestimenta, hoje seria vista como "fashion". No *Autorretrato*, 1940, Pancetti se apresenta como um trabalhador. No rosto anguloso, ele contrapõe o matiz escuro da barba em crescimento, com um tom rosado que replica na camiseta, acentuando a firmeza do rosto. Nos dois trabalhos, sua expressão é um tanto desafiadora, reunindo assombro e desconfiança. Segundo o crítico Antônio Gonçalves Filho: "O pintor se retratava com ar de agressividade, porque agressivo, a seu ver, era o mundo que o cercava e fazer-se agressivo foi a solução que encontrou para sobreviver".

Na obra intitulada pelo artista de *Auto-vida*, Pancetti cria um autorretrato emblemático no qual mescla realidade, imaginação e ironia. Na obra, ele aparece usando o uniforme de marinheiro, com o quepe do navio Rio Grande do Norte, segurando um livro intitulado Ismos, apresentando-se assim como marinheiro e pintor. O livro em suas mãos, publicado em 1931 pelo poeta espanhol Ramón Gómez de la Serna, faz uma crítica aos movimentos artísticos que pareciam se suceder infinitamente: impressionismo, cubismo, expressionismo, surrealismo, figurativismo, abstracionismo - algo que devia deixar Pancetti perplexo, com sua pintura desvinculada de correntes. Na exposição, a pintura é acompanhada de um croqui, que, entretanto, não aparenta ser um esboço preparatório do trabalho, mas um registro da obra pelo artista, que a considerava

uma de suas melhores criações. Vale observar que Pancetti circulava entre dois mundos bastante diversos, o cotidiano simples, do marinheiro, que o lembrava de sua origem humilde e o sofisticado mundo das artes plásticas no qual era incensado como gênio, num sucesso que inclusive tinha repercussão junto ao alto escalão da Marinha – uma dicotomia que potencializava seu temperamento dramático.

As naturezas-mortas de Pancetti não têm paralelo na arte brasileira; ele hibridiza os gêneros tradicionais da pintura, integrando frutas, quadros, flores, mar e paisagem em cortes quase fotográficos, revelando ângulos surpreendentes de elementos banais do cotidiano. Seus primeiros trabalhos são realizados em notas baixas e sóbrias da escala cromática, e sua composição é quase clássica. Aos poucos, porém, o artista ousa mais e mais, e, num tema que se adequa com perfeição à natureza estática de sua obra, produz verdadeiras obras-primas, muito bem representadas na exposição. Entre elas, os vangoghianos girassóis retratados na tela *Sem título*, 1940, e as cezanianas maçãs de *Campos do Jordão*, 1943, e *Natureza-morta*, 1946. A obra da série *Mata São João*, 1951, é a plena expressão da originalidade do artista na realização de naturezas-mortas, reunindo objetos, pinturas e frutas apresentadas numa perspectiva inusitada.

As marinhas são a faceta mais conhecida do pintor, e o conjunto apresentado na exposição acompanha sua carreira. Passa pelos registros austeros de diferentes pontos do litoral brasileiro, revela o intenso cromatismo e a composição diagonal do período baiano. Além disso, alcança a economia de elementos de sua produção final, com obras sintéticas, nas quais a economia da composição beira o abstrato.

A mudança para a Bahia, na década de 1950, modificou a personalidade e a obra de Pancetti. A alegria tornou o artista mais doce, e ele explodiu em cores quentes e fortes. O artista chegou a Salvador num momento especial, pois, na recém fundada Universidade da Bahia ministravam aulas intelectuais da mais absoluta vanguarda como: Koellreutter, Lina Bo Bardi, Yanka Rudzka e Martim Gonçalves. Em consonância com essa efervescência, artistas plásticos como Mario Cravo Jr., Genaro de Carvalho, Carybé, Rubem Valentim e Agnaldo dos Santos construíam uma marcante visualidade da Bahia. Assim, Pancetti circulava entre o mundo sagrado de Mestre Didi, as sensuais narrativas de Jorge Amado e o som de Caymmi, celebrando ao violão a beleza e o poder de Iemanjá, senhora das águas e rainha do mar. Músico e pintor ficaram muito amigos, e, registrando a afinidade que existe entre as suas composições, musicais e pictóricas, apresentamos na exposição uma instalação imersiva reunindo cinco canções de Caymmi a imagens e sons do mar.

Nesse período, as marinhas e paisagens de Pancetti tornaram-se intensas e plenas de luz, e seu amor pela cidade perpetuou a linda Salvador dos anos 1950 em obras como: *Musa da paz*, 1950, *Igreja de Santo Antônio da Barra*, 1951, *Bahia*, 1951, *Lagoa do Abaeté*, 1952, *Paisagem de Itapuã*, 1953, *Farol da Barra*, 1954, *Coqueiros de Itapuã*, 1956 e as duas telas *Lavadeiras do Abaeté*, 1957. A descoberta da Lagoa do Abaeté, com suas águas escuras, a areia branca e a festa colorida dos panos das

lavadeiras, foi outro momento de encanto para o artista, como relata Aloysio de Paula: "Sua luz se enriquece e adquire poder e intensidade como nunca ele a exibira. Tudo canta no Abaeté. Seus verdes são mais verdes, seus vermelhos mais vermelhos". Bastante incomuns são as obras *Pescadores*, 1956, que remete aos desenhos de Carybé, e *Bahia*, um vibrante e extraordinário pôr do sol.

O artista cria também obras poéticas, como *Marinhas* de 1952 e 1953, *Sem título*, 1952, e outras de cor exuberante como as duas telas *Mar Grande*, 1954, e *Itapuã*, 1956. Sobre esse momento de produção tão intensa, comenta Vera Pacheco Jordão: "Mesmo as paisagens que chegam a ser quase abstratas estão firmemente ancoradas numa realidade sensual. A passagem dos ocres para o violeta da beira d'água é a expressão plástica de quem não só viu com os olhos, mas palpou com os pés, a areia quente, clara e solta, a areia úmida, pesada e baça, a areia molhada, pastosa, macia na superfície escura sobre a qual desliza a película brilhante da água. A paisagem de Pancetti é a projeção não só dessa experiência física, mas do sentimento".

A produção compulsiva e os excessos do artista fazem recrudescer sua doença, sempre latente, e assim, em 1957, ele é obrigado a ir para o Rio de Janeiro para receber tratamento mais adequado. Pancetti foi internado no Hospital Central da Marinha, e apesar dos cuidados recebidos, faleceu no início de 1958. Antes de partir da Bahia, escreveu em seu diário:

> *Na estrada, desde o farol da Barra até Itapuã eu fiquei a olhar a praia e os coqueiros, as canoas dos pescadores e suas redes estendidas sobre as brancas areias que iam ficando. Um turista que vinha na frente do carro, com cara de norte-americano, batia fotografias do verde mar. Atrás dele um homem chorava por não poder mais interpretar aquelas deslumbrantes cores daquele mar tão familiar.*

O beijo entre o mar e a areia é um tema recorrente na obra de Pancetti. Um namoro que ele retratou ao longo de toda a sua vida, sempre com emoção. Encontro que também encantava seu amigo Dorival Caymmi, que cantava com voz profunda: o mar, quando quebra na praia, é bonito, é bonito...

Denise Mattar
Curadora



Retratos

Os retratos de Pancetti são muito singulares. De forma diferente de alguns de seus pares, que aceitavam encomendas para realizar retratos de pessoas da sociedade, o artista sempre elegeu como modelos as pessoas do povo, com as quais se identificava, abrindo algumas exceções para amigos escritores ou músicos. Pescadores, trabalhadores, lavadeiras, donas de casa e alguns familiares povoam seus quadros, pintados sem nenhum tipo de embelezamento ou exaltação, numa absoluta e seca simplicidade. Pancetti não esconde a tristeza e o desânimo que tantas vezes acompanham os labores braçais. O pintor era especialmente lírico ao retratar crianças, observadas com muita ternura e delicadeza. Já nos autorretratos, ele soltava a imaginação e pintava suas fantasias apresentando-se com diversas personalidades: marinheiro, pintor, pescador, homem urbano, almirante, bispo, dando a cada uma dessas personas diferentes densidades psicológicas.

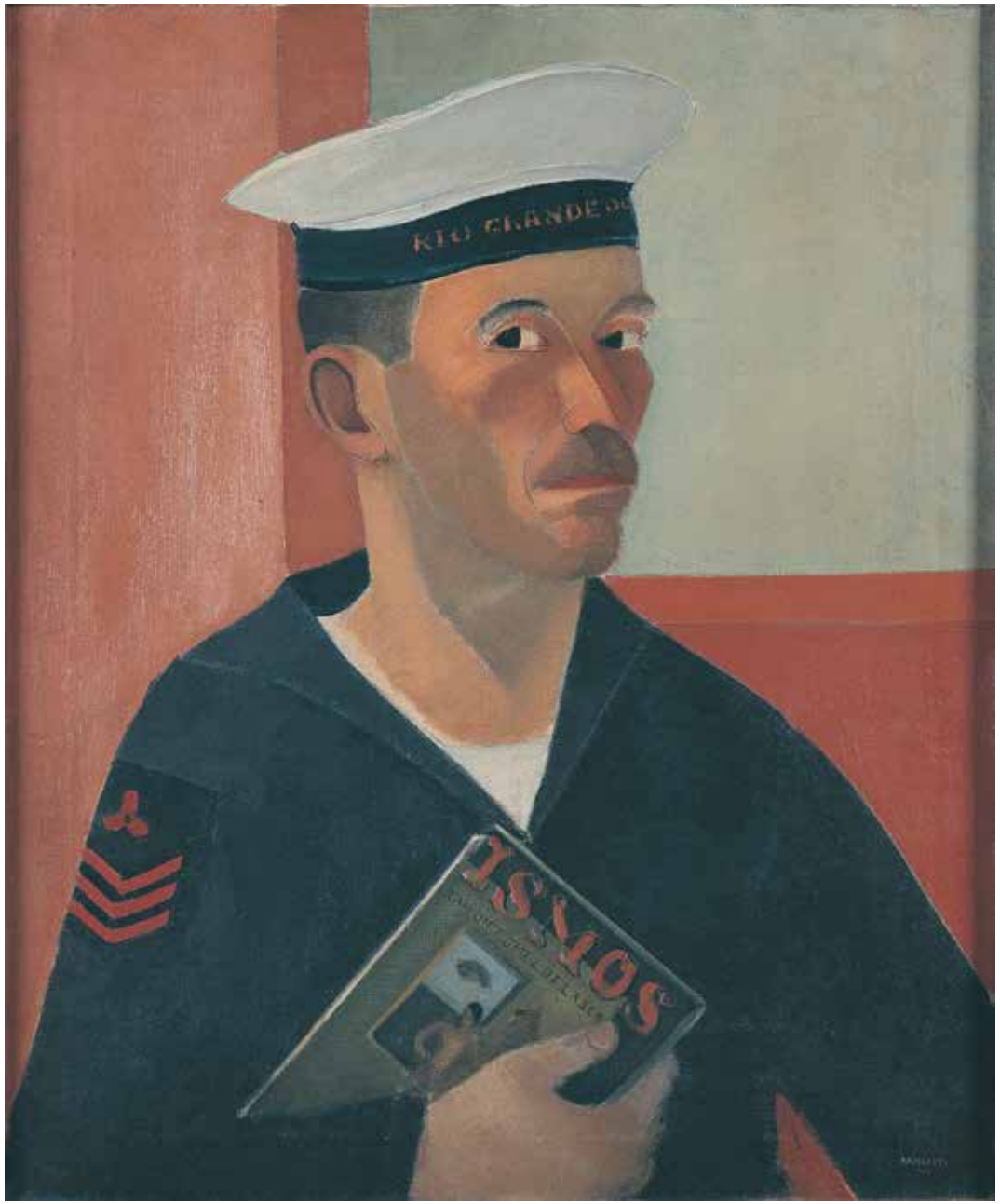
Retrato de Francisco 1945 (detalhe)



Croqui para Auto-vida 1945
caneta tinteiro sobre papel 13 x 11 cm
Coleção Gilberto Chateaubriand MAM Rio

Auto-vida 1945
óleo sobre tela 65 x 54 cm
Coleção Gilberto Chateaubriand MAM Rio

Auto-vida é um autorretrato emblemático de Pancetti, no qual o artista mescla realidade, imaginação e ironia. Na obra ele aparece usando o uniforme de marinheiro, com o quepe do navio Rio Grande do Norte, segurando um livro intitulado *Ismos*, apresentando-se assim como marinheiro e pintor. O artista circulava entre dois mundos bastante diversos, o cotidiano simples, da Marinha, que o lembrava de sua origem humilde e o sofisticado mundo das artes plásticas no qual era incensado. O livro em suas mãos, publicado em 1931 pelo poeta espanhol Ramón Gómez de la Serna (1888-1963) faz uma crítica aos movimentos artísticos que pareciam se suceder infinitamente: impressionismo, cubismo, expressionismo, surrealismo, figurativismo, abstracionismo – algo que devia deixar Pancetti perplexo, com sua pintura desvinculada de correntes.





Navio de casco vermelho 1936
óleo sobre cartão 18,5 x 12,8 cm
Coleção Nilma Pancetti Rio de Janeiro



Retrato de Francisco 1945
óleo sobre tela 39,8 x 61,6 x 5,8 cm
Coleção MAM São Paulo
doação Carlo Tamagni, 1967

Retrato de Francisco mostra um menino negro tendo ao fundo a paisagem de um morro em São João del-Rei, cidade na qual Pancetti passou uma temporada em 1945. A figura ocupa quase a totalidade da tela, e fica clara a ternura e a delicadeza com que o artista retrata a criança simples, com olhar doce e ingênuo. O artista pintou no mesmo ano, uma outra versão desse retrato conhecida como *Menino Bom*.



Autorretrato 1939
óleo sobre tela 70 x 60 cm
Coleção particular São Paulo



Autorretrato 1940
óleo sobre tela 57 x 45 cm
Acervo Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP São Paulo



Figura feminina 1945
óleo sobre tela 46 x 38 cm
Coleção Breno Krasilchik São Paulo



Naturezas-mortas

As naturezas-mortas de Pancetti não têm paralelo na arte brasileira. Nelas, o artista passa pela inevitável influência de Van Gogh e Cézanne, mas desde o início, essa vertente já apresenta características próprias e originais. Aos poucos, Pancetti ousa mais e mais, e, num tema que se adequa com perfeição ao caráter estático de sua produção, cria verdadeiras obras-primas. Suas naturezas-mortas fazem uma hibridação dos gêneros tradicionais da pintura, mesclando frutas, flores, quadros, pinturas e figuras, tudo isso apresentado em enquadramentos inusitados, com ângulos e perspectivas singulares, criando uma superposição de informações. Assim, na sua aparente simplicidade Pancetti instaura uma sofisticada metalinguagem, na qual a pintura fala sobre pintura.

Série Mata São João 1951 (detalhe)



Sem título 1940
óleo sobre tela 50,5 x 41 cm
Coleção Breno Krasilchik São Paulo



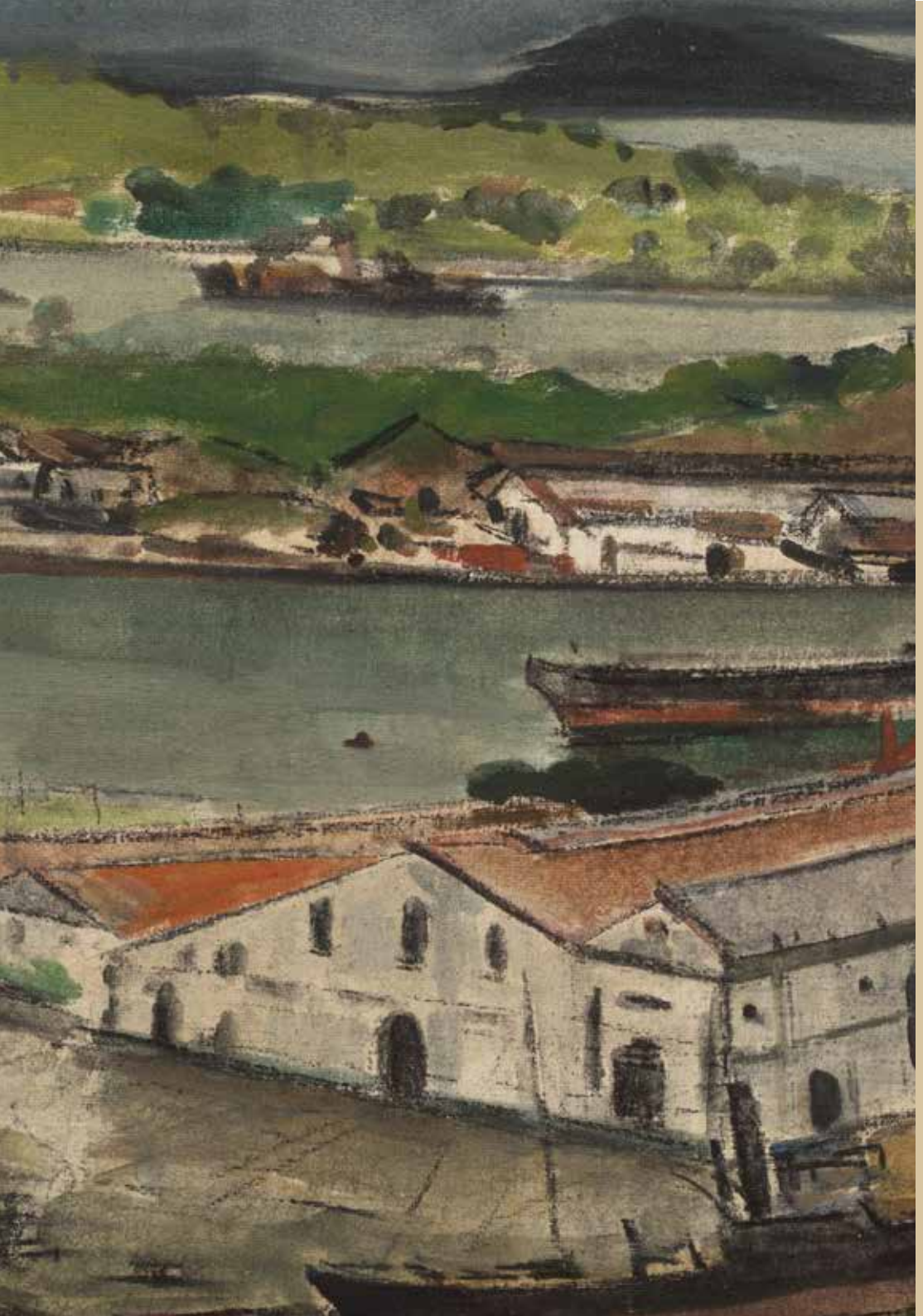
Campos do Jordão 1943
óleo sobre tela 35 x 45 cm
Coleção Orandi Momesso
São Paulo



Natureza Morta 1946
óleo s/tela 38 x 46 cm
Coleção Ricard Akagawa
São Paulo



Série Mata São João 1951
óleo sobre tela 46 x 55 cm
Coleção particular São Paulo



Paisagens

Pancetti sempre pintou aquilo que estava mais próximo dele, e, por isso, iniciou seu trabalho retratando barcos, arsenais e galpões da Marinha. O homem do mar parecia não se adaptar bem à cidade, e, de suas primeiras paisagens urbanas, desprende-se uma pungente sensação de desconforto, que só faz acrescentar força à sua pintura. As pessoas, quando retratadas, são pequenas, oprimidas entre casas e becos, e as ruas e quintais estão quase sempre vazios. O mal-estar das cidades não se repetia no contato com a natureza, e nas muitas viagens de Pancetti pelo Brasil, ele se deixava impregnar pela luz de cada local, captando as características das águas, do céu e da vegetação. Os trabalhos têm cores contidas e as formas são reduzidas, quase geométricas. O artista usava cortes marcados, até abruptos e enquadramentos incomuns que revelam sua modernidade, bastante diversa de seus contemporâneos.

Ilha das Enxadas 1940 (detalhe)



O Chão 1941
óleo sobre tela
61,5 cm x 81 cm
Coleção Museu Nacional
de Belas Artes
Rio de Janeiro

Com a obra *O Chão*, Pancetti recebeu o cobiçado Prêmio de Viagem ao Exterior do Salão Nacional de Belas Artes de 1941, ano no qual pela primeira vez ocorreu a chamada Divisão Moderna.
Foi o reconhecimento público de um artista autodidata que, por pouco tempo, frequentou o Núcleo Bernardelli, no Rio de Janeiro.

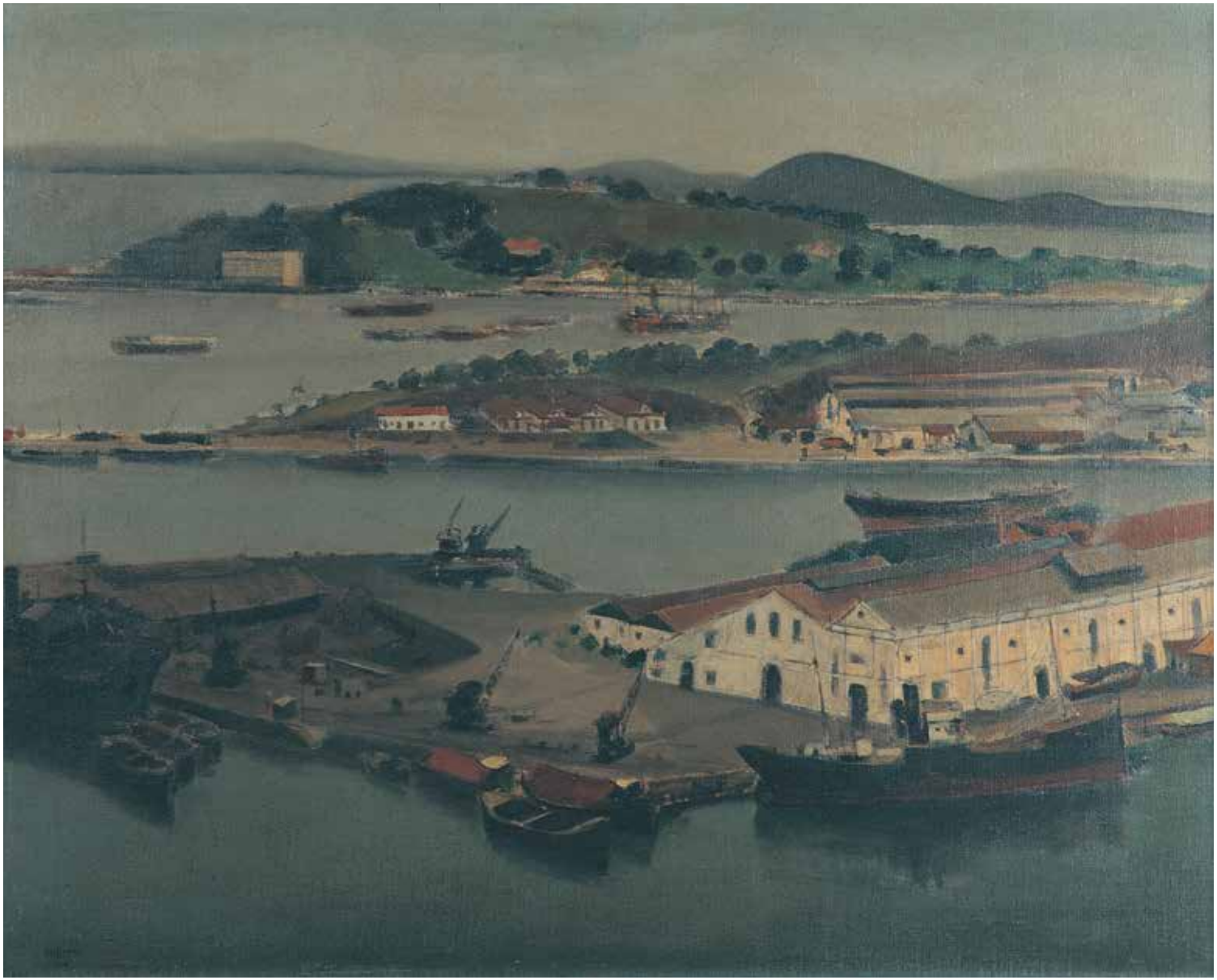


Praça Clóvis Bevilacqua
1949
óleo sobre tela
38,7 x 46,1 cm
Coleção Orandi Momesso
São Paulo

Praça Clóvis Bevilacqua, pintada em 1949 das janelas do Palacete Santa Helena, local onde os artistas, Volpi, Rebolo, Mário Zanini, Manoel Martins, entre outros, dividiam o ateliê. A tela coloca em primeiro plano, com certa singeleza, a igreja da praça, enquanto ao fundo ficam visíveis as inúmeras e tristes chaminés fumegantes das fábricas paulistanas.



Sem título s.d.
óleo sobre tela 81,5 x 81,5 cm
Coleção Orandi Momesso São Paulo



Oficinas 1940
óleo sobre tela 74,5 x 93,7 cm
Coleção Museu Nacional de
Belas Artes Rio de Janeiro



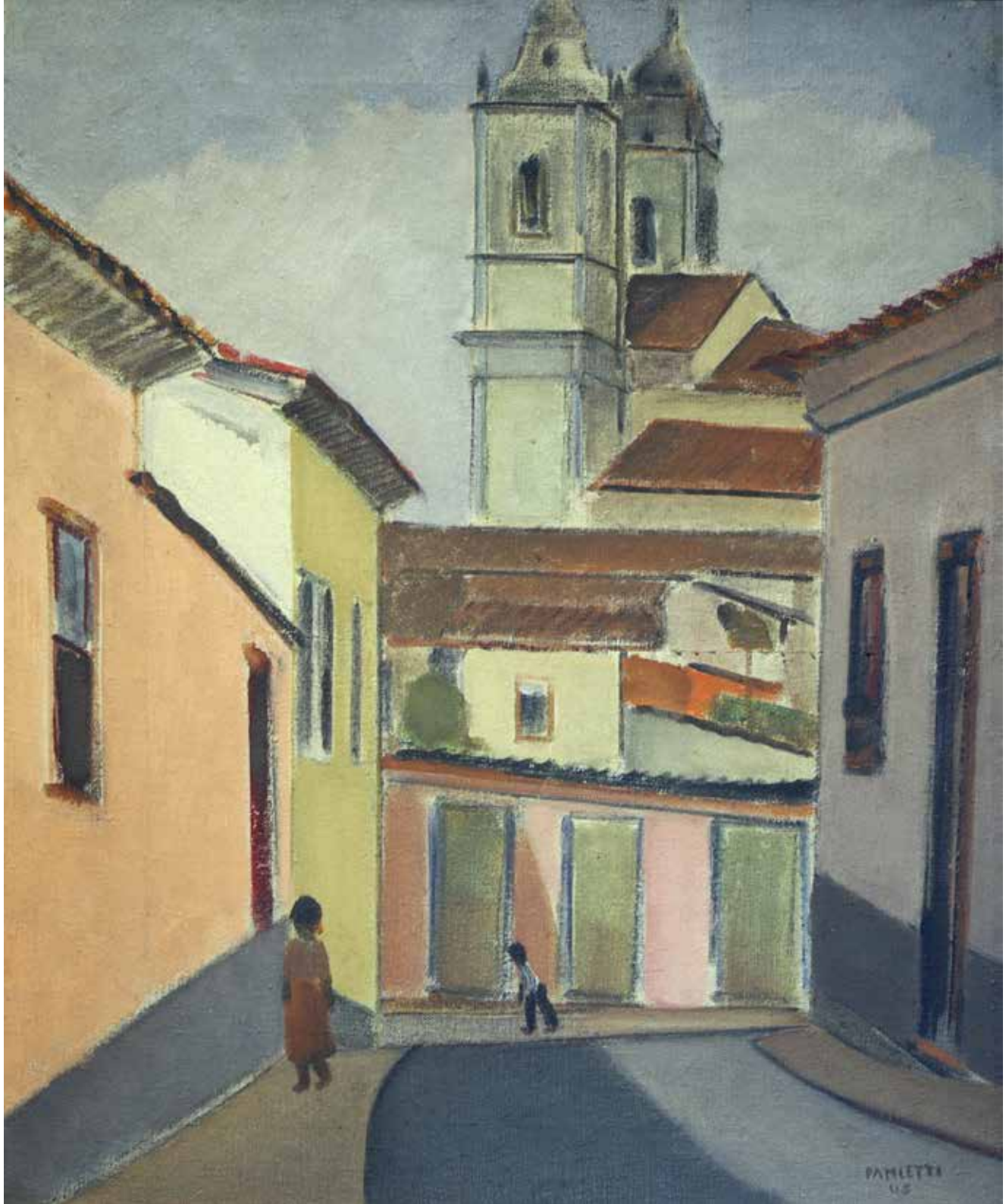
Ilha das Enxadas 1940
óleo sobre tela 47 x 58 cm
Coleção particular
São Paulo



Arraial do Cabo 1945
óleo sobre tela 50 x 73 cm
Coleção Alfredo Andreoli Pinto
e Adriana Andreoli São Paulo



São João del-Rei, Rua de Santa Teresa 1945
óleo sobre tela 46 x 38 cm
Coleção particular São Paulo



São João del-Rei 1945
óleo sobre tela 6 x 38 cm
Coleção Breno Krasilchik São Paulo

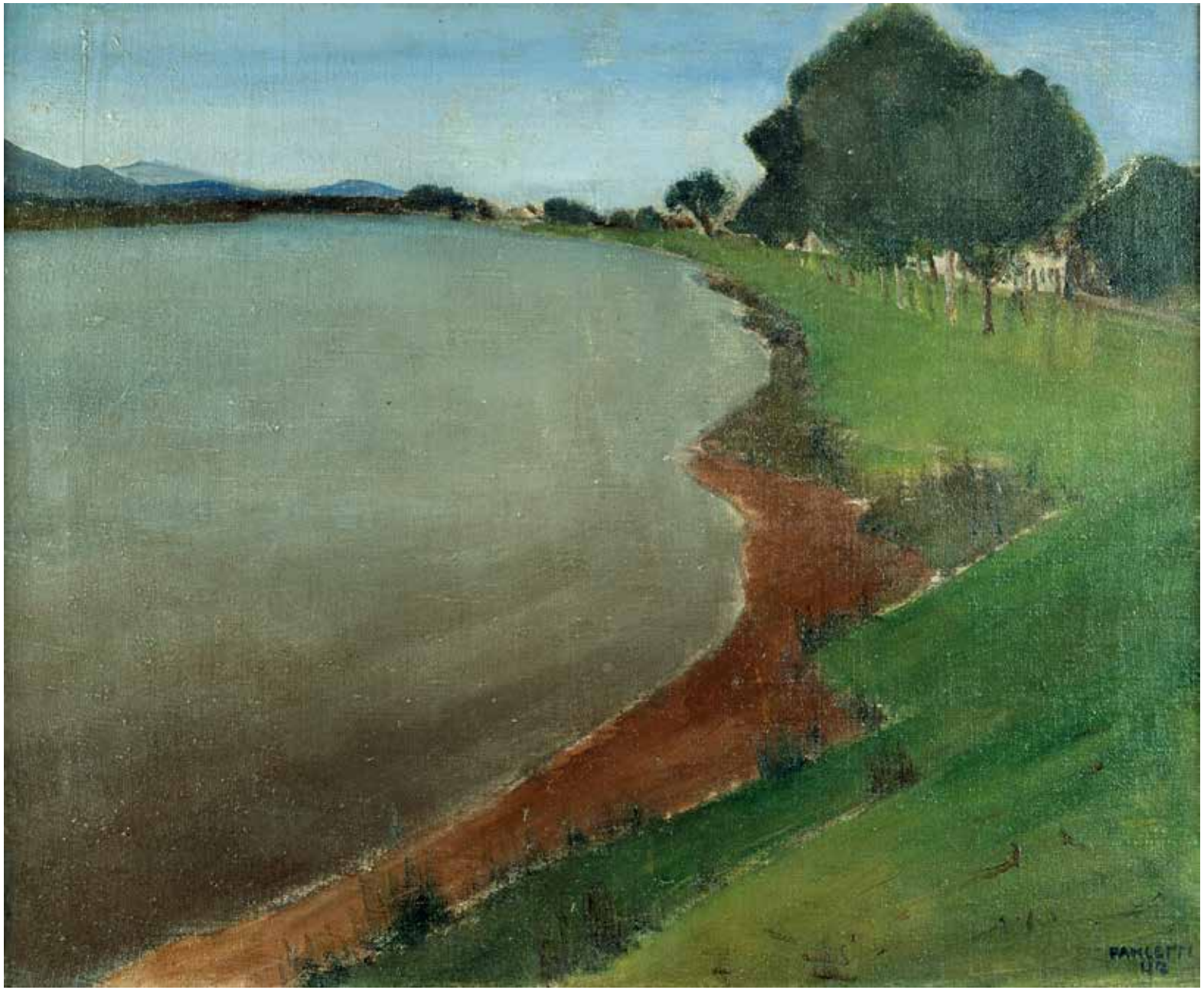


Floresta, Campos do Jordão, SP 1944
óleo sobre tela
39 x 46,5 cm
Acervo Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP
São Paulo

Pancetti esteve algumas vezes em Campos do Jordão. Um dos motivos era sua saúde, pois na época a região era considerada muito adequada para o tratamento de doenças nos pulmões.
O artista pintou muitas vistas da cidade, mas são especialmente frequentes seus registros das florestas, nas quais fazia longas caminhadas.



Bairro da Abissínia, Série Abissínia, Campos de Jordão, SP 1949
óleo sobre tela 49 x 60 cm Acervo Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP São Paulo



Rio São João 1947
óleo sobre tela 88,5 x 99,7
Coleção MAM São Paulo
doação anônima, 1998



Arraial do Cabo 1948
óleo sobre tela
46 x 65 cm
Coleção Gilberto
Chateaubriand MAM Rio



Marinha, Cabo Frio, série Musa do Pintor
1949
óleo sobre tela
38,8 x 46,8 cm
Coleção Sofia e Sergio Fadel Lobão
Rio de Janeiro



Sem título,
da série Saquarema
1955
óleo sobre tela
24 x 23 cm
Coleção particular
Brasília



Bahia

A mudança para a Bahia, na década de 1950, modificou a personalidade e a obra de Pancetti. A alegria tornou o artista mais doce, e ele explodiu em cores quentes e fortes. As marinhas tornaram-se intensas e plenas de luz, e seu amor pela cidade perpetuou a linda Salvador da época. Pancetti chegou num momento especial, pois, na recém-fundada Universidade da Bahia, ministravam aulas intelectuais da mais absoluta vanguarda, como: Koellreutter, Lina Bo Bardi, Yanka Rudzka e Martim Gonçalves. Em consonância com essa efervescência, artistas plásticos como Mario Cravo Jr., Genaro de Carvalho, Carybé, Rubem Valentim e Agnaldo dos Santos construíam uma marcante visualidade da Bahia. Assim, Pancetti circulava entre o mundo sagrado de Mestre Didi, as sensuais narrativas de Jorge Amado e o som de Caymmi, celebrando ao violão a beleza e o poder de Iemanjá, senhora das águas e rainha do mar.

Farol da Barra 1954 (detalhe)

Pescadores 1956
óleo sobre tela
26 x 40,2 cm
Coleção Nilma Pancetti
Rio de Janeiro

Essa obra, incomum na produção de Pancetti, retrata a pesca do xaréu, uma cena corriqueira nas praias de Salvador nos anos 1950. A atividade exigia força e ritmo, criando quase uma coreografia, apreciada pelos artistas, e foi muito retratada nos desenhos de Carybé, nos livros de Jorge Amado e nas fotos de Pierre Verger.

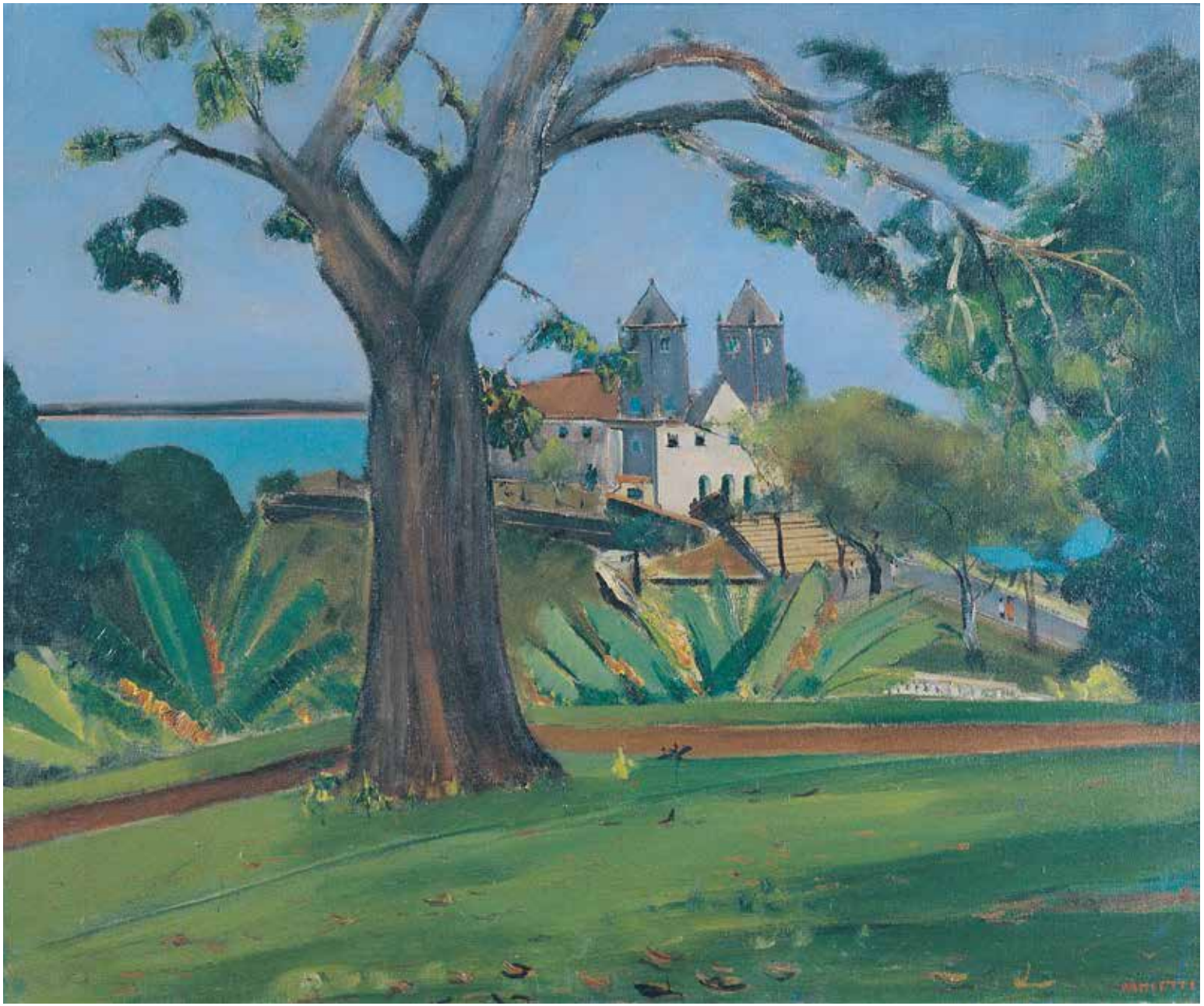




Coqueiros de Itapuã 1956
óleo sobre tela
45,4 x 64,4 cm
Coleção Santander Brasil



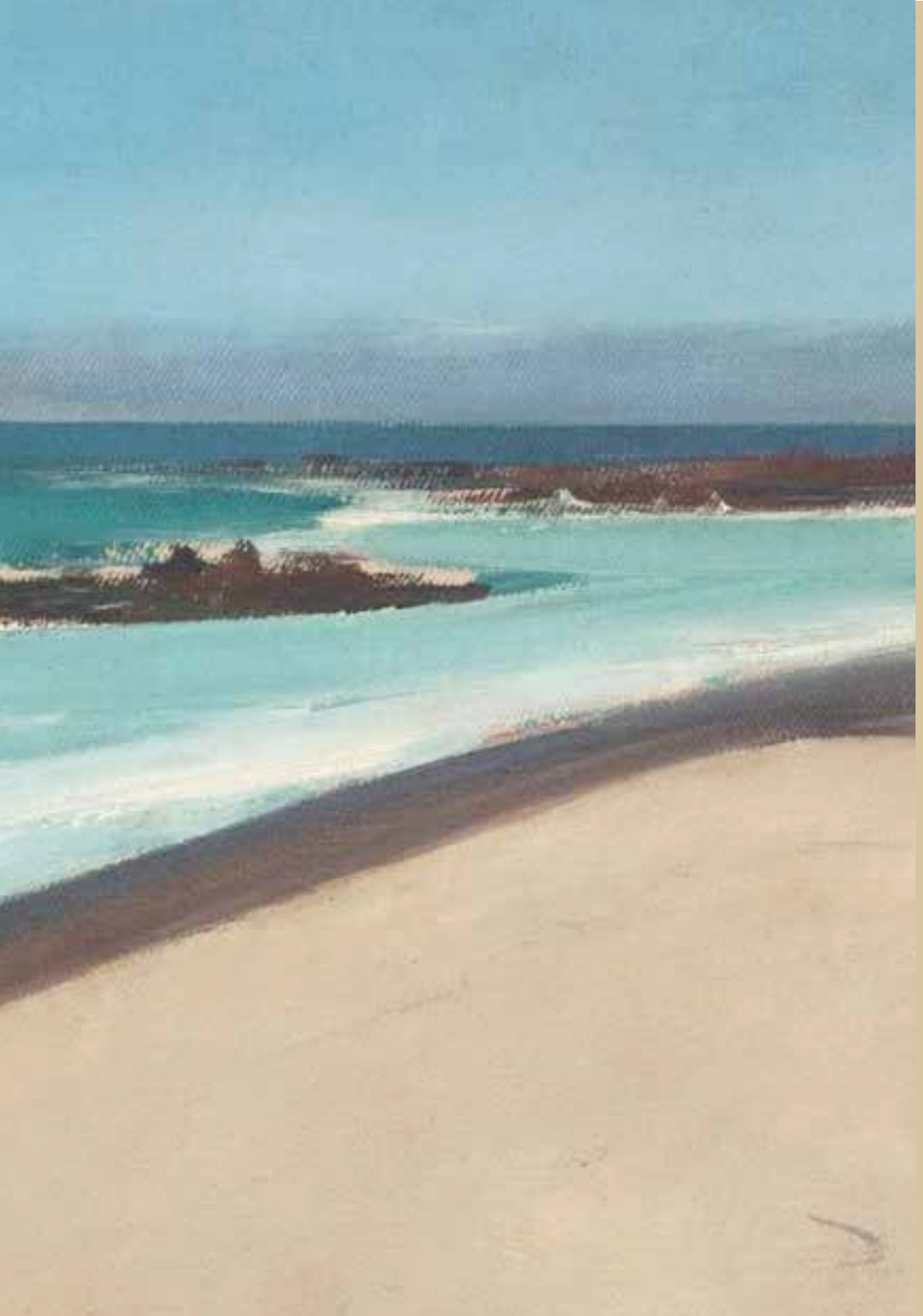
Farol da Barra 1954
óleo sobre tela
38 x 55 cm
Coleção Marcos Ribeiro
Simon São Paulo



Igreja de Santo Antônio da Barra
1951 óleo sobre tela
60 x 73 cm
Coleção Museu Nacional de Belas Artes
Rio de Janeiro



Musa da paz 1950
óleo sobre tela
46,5 x 55,5 cm
Coleção Alfredo Andreoli
Pinto e Adriana Andreoli
São Paulo



Marinhas

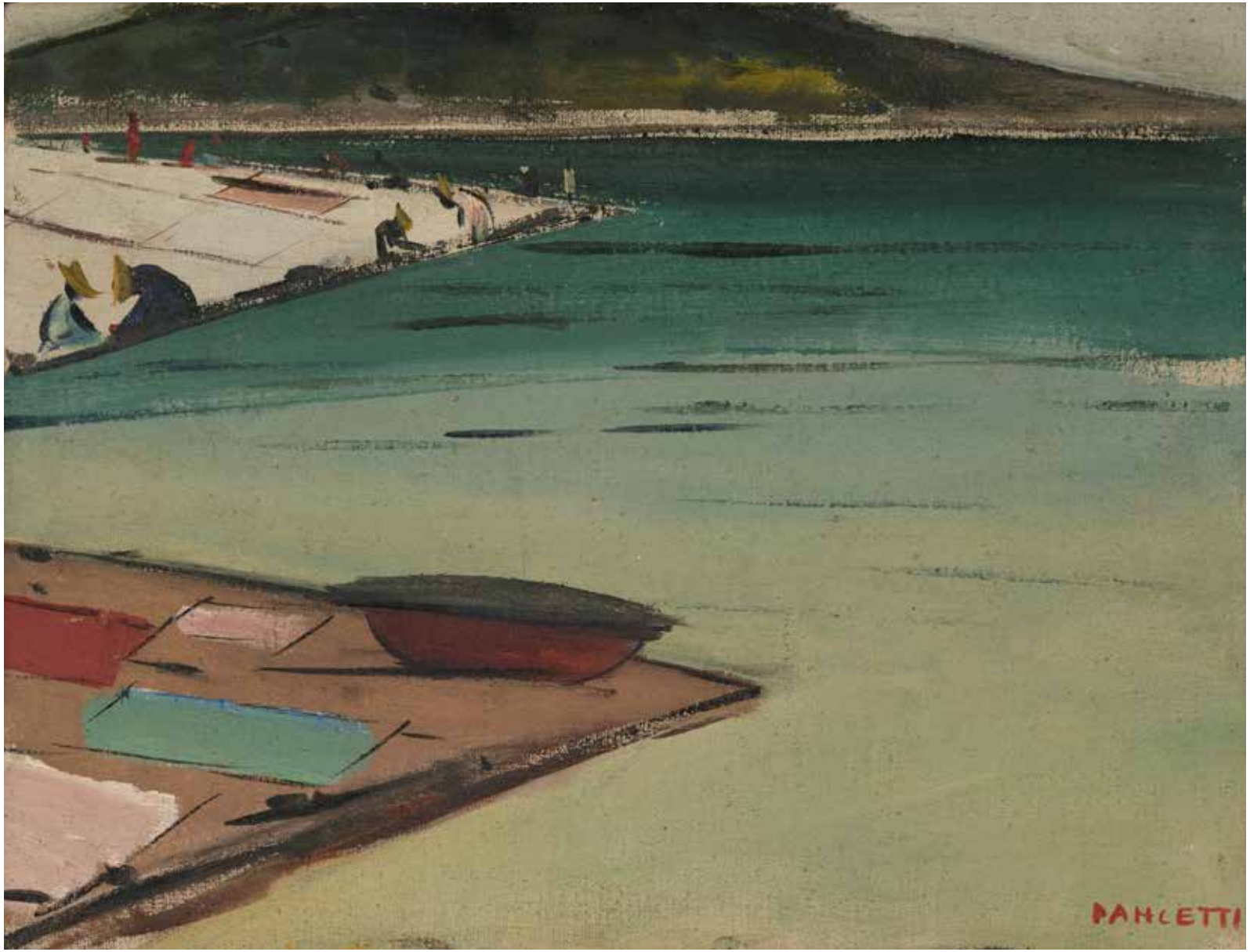
Pancetti pintou por toda a sua vida, aumentando significativamente sua produção a partir de 1946, quando foi reformado da Marinha. A partir de então, o mar, que já era fundamental na sua produção, torna-se cada vez mais importante. O percurso estético do artista é marcado por uma progressiva geometrização, e pela importância que a cor vai ganhando sobre a forma, até tornar-se protagonista quase absoluta das composições. À beira d'água ele pinta ocres, rosas e violetas do pôr-do-sol. O encontro entre o mar e a areia torna-se mais e mais constante, e, nesse processo, Pancetti reduz ao mínimo a forma, tornando-se quase abstrato.

Marinha, série Bahia 1952 (detalhe)



Série Bahia 1951
óleo/tela 46,5 x 55 cm
Instituto Casa
Roberto Marinho
Rio de Janeiro

Pancetti registrou algumas vezes a linha violácea que surge entre o céu e o mar durante o pôr do sol. A obra aqui apresentada, entretanto, difere bastante dessa abordagem sutil. A variedade de diferentes tons, que vão do rosa ao roxo, parece ser uma consequência da exuberância da Bahia, que se reflete nesse trabalho vibrante.



Lavadeiras do Abaeté
1957
óleo sobre tela
27 x 35 cm
Coleção particular
Brasília



Lagoa do Abaeté
1952
óleo sobre tela
38 x 54,5 cm
Coleção Marcos
Ribeiro Simon
São Paulo



Lavadeiras do Abaeté
1957
óleo sobre tela
57 x 70 cm
Acervo Banco Itaú
São Paulo

A descoberta da Lagoa do Abaeté, com suas águas escuras, a areia branca e a festa colorida dos panos das lavadeiras, foi outro momento de encanto intenso para o artista, como relata Aloysio de Paula: "Sua luz se enriquece e adquire poder e intensidade como nunca ele a exibira. Tudo canta no Abaeté. Seus verdes são mais verdes, seus vermelhos mais vermelhos".



Marinha 1952
óleo sobre tela
37,5 x 56 cm
Coleção Alfredo Andreoli
Pinto e Adriana Andreoli
São Paulo



Marinha 1953
óleo sobre tela
45 x 58,5 cm
Acervo Banco Itaú
São Paulo



Marinha, série Bahia
1952
óleo sobre tela
45 x 56 cm
Coleção Marcos Ribeiro
Simon São Paulo

Paisagem de Itapuã
1953
óleo sobre tela
38 x 55 cm
Coleção Gilberto
Chateaubriand MAM Rio

Um fato bastante significativo sobre a obra de Pancetti é que um trabalho do artista foi o quadro inicial de três das mais importantes coleções de arte do Brasil: Coleção Gilberto Chateaubriand (*Paisagem de Itapuã*, 1953), Coleção Sergio Fadel (*Praia em Cabo Frio*, 1947) e Coleção Roberto Marinho (*O Boneco*,1939). A coincidência não parece ser um acaso, pois o temperamento solitário e simples do artista permitiu o surgimento de uma obra que tem o dom de comover.





Mar Grande 1954
óleo sobre tela
38 x 54,5 cm
Coleção Alfredo Andreoli
Pinto e Adriana Andreoli
São Paulo

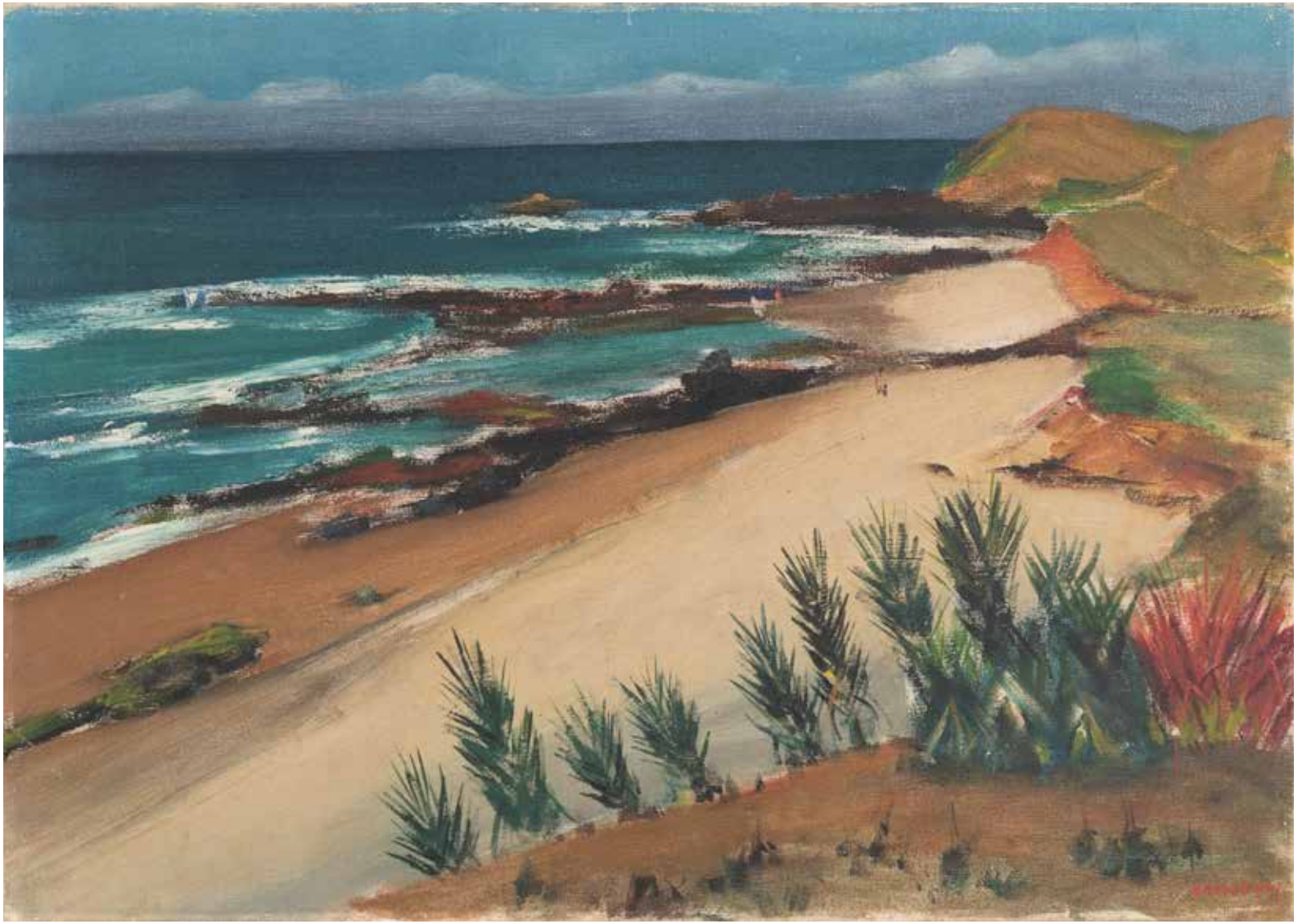


Mar Grande 1954
óleo sobre tela
46,5 x 61,5 cm
Coleção particular
Salvador



Itapuan, série Bahia
1956
óleo sobre tela
46 x 65 cm
Coleção particular
Salvador

Pancetti muitas vezes se utilizou de um ângulo incomum para retratar árvores. Menos preocupado em mostrá-las em total verticalidade, ele fazia um corte fotográfico registrando-as na altura do olhar. Vale lembrar a obra *Floresta*, de 1944, pintada em Campos do Jordão, na qual o artista emprega o mesmo recurso, ficando então evidente a diferença entre a luz e a cor de cada local.



Sem título, série Bahia
1952
óleo sobre tela
46 x 65 cm
Coleção particular Brasília

JOSÉ PANCETTI

(Campinas, SP, 1902 – Rio de Janeiro, RJ, 1958)



Pancetti em uniforme de gala, 1952



Aos 11 anos, Massa-Carrara, Itália, 1913



A família Pancetti, Pietra Santa, Itália, 1913

1902

Filho de imigrantes italianos, Giuseppe Gianinni Pancetti, segundo seu registro civil, nasceu a 18 de junho, na localidade de Taquaral, em Campinas, São Paulo. O artista afirmava ter nascido em 1904. Por isso, na maior parte dos escritos sobre ele é encontrada essa data. Giovanni Pancetti, seu pai, era pedreiro, mestre-de-obras e músico e sua mãe Corina Giannini Pancetti era camponesa, ambos da Toscana; ele de Pietrassanta e ela de Covaia. Chegaram ao Brasil em fins do século XIX e se estabeleceram em Campinas. Desde cedo o próprio artista abrasileirou seu nome para José Pancetti.

1912

A família muda-se para a cidade de São Paulo, residindo no Brás. Giovanni Pancetti trabalha na construção do Teatro Municipal.

1913

Devido às dificuldades financeiras, o menino Giuseppe, com sua irmã Ida, é enviado para a Itália em companhia do tio Casimiro, escultor e comerciante de mármore. Lá estuda em um colégio Salesiano completando o curso primário e cursando até o 2o ano ginasial, fazendo jus a uma medalha de ouro por seus méritos como estudante.

1917

Com a mobilização do tio para a guerra, o menino abandona os estudos e vai para Pietrassanta morar com o avô que quer fazer dele um camponês. Pancetti não se adapta à vida do campo; prefere o trabalho numa fábrica de material bélico ou o de marceneiro, numa oficina de caixões.

1918

Com fim da guerra, Pancetti aos 16 anos, embarca no veleiro *Maria Rosa*, da Marinha Mercante italiana e faz sua primeira viagem como mozzo, na rota Gênova – Norte da África. Alguns meses depois, foi admitido como piccolo no navio mercante italiano *Tommazo de Savoya* e nele viajou para o Brasil desembarcando em Santos.



Matrícula da Capitania do Porto de Viareggio, 1918

Na Marinha de Guerra do Brasil como grumete, 1922





Marinha, 1936, óleo sobre madeira, 21 x 24 cm, Coleção particular, SP

A bordo do navio *Bahia*, 1926



1919/20

De volta a São Paulo, recomeça a luta pela sobrevivência, exercendo as mais diversas ocupações. Trabalha pela primeira vez como pintor, na Oficina Beppe especializada em decoração de pintura de paredes.

1921/22

Segue para o Rio de Janeiro e depois de aguardar alguns meses entra para a Marinha de Guerra, como grumete a bordo do *Paraná*.

1923

Recebe a divisa de marinheiro de segunda classe. No posto de cabo, Pancetti fica conhecido como o "Moço das Tintas", designação dada na Marinha ao encarregado de zelar pelo compartimento de tintas existente nos navios.

1925

A pintura já começava a entrar de outra maneira na vida de Pancetti; pintava marinhas em caixas de charutos e cartões-postais que trocava por cigarros com os companheiros.

1926/28

Ingressa na companhia de especialistas de convés, no quadro de pintor. Viaja para os Estados Unidos a bordo do *Bahia*. Vai para Filadélfia participar de Feira comemorativa dos 150 anos da Independência. É promovido a cabo de esquadra.

1929

Interna-se no Sanatório Naval de Nova Friburgo para tratar de tuberculose pulmonar.
É promovido a 3º sargento.

Artigo de *Noite Illustrada*, 1932


UM AMADOR DA PINTURA



Marinheiro, 1933, aquarela sobre papel, 32 x 21,8 cm, Coleção Gilberto Chateaubriand, Mam Rio, RJ



Navio *Almirante Saldanha*, 1934

1932

Como marinheiro, participa dos movimentos políticos de 1922, 1924, 1930, 1932 e, nesse ano, tem seu primeiro trabalho, uma marinha, publicado em *A Noite Illustrada* de 5 de outubro, comentada num pequeno texto intitulado "Um Amador da Pintura".

1933

Já como 2º sargento, filia-se ao Núcleo Bernardelli, levado pelo pintor Giuseppe Gargaglioni e pelo escultor Paulo Mazzuchelli. Bruno Lechowski e Milton Dacosta são referidos por Pancetti como os membros do núcleo que mais o ajudaram neste aprendizado inicial. Em pouco tempo rebela-se contra as aulas por considerá-las monótonas. Expõe pela primeira vez no Salão Nacional de Belas Artes, apresentando as obras: *Trecho da Cidade* e *Docas do Arsenal*.

1934

Viaja para a Inglaterra integrando a selecionada tripulação do navio escola *Almirante Saldanha*, em sua viagem inaugural. A 7 de julho, zarpa da Inglaterra, faz escalas em Cherbourg e Le Havre. Vai a Paris e visita os museus. O navio toca outros portos; Lisboa, Barcelona, Spezia. Volta à Itália depois de 12 anos. Vai a Florença e a Carrara, onde visita o Colégio Salesiano e revê amigos e parentes.

Durante a viagem de volta para o Brasil o Comandante anuncia que o Sargento José Pancetti recebeu Menção Honrosa no Salão Nacional.

1935

Casa-se com Anita Caruso em 27 de abril. Concorre ao Salão Nacional de Belas Artes. Vende pela primeira vez um quadro, *Beira de cais*, por 200 mil réis, ao caricaturista Álvarus.

1936/38

Participa do Salão Nacional de Belas Artes, com três obras: duas marinhas e *Navios em Reparo*. Conquista a Medalha de Bronze. É promovido a 1º sargento e recebe a Medalha de Bronze do Salão Paulista.



Anita Caruso e Pancetti no dia de seu casamento, 1935



Na exposição Arte Contemporânea do Hemisfério Ocidental, Museu Nacional de Belas Artes, RJ, 1941



O Chão, 1941, óleo sobre tela, 61,5 x 81 cm, Coleção Museu Nacional de Belas Artes – Ibram, RJ



Arraial do Cabo, 1945, óleo sobre tela, 50 x 73 cm, Coleção Alfredo Andreoli Pinto e Adriana Andreoli, São Paulo

1939

Recebe a Medalha de Prata no Salão Nacional de Belas Artes com *Estudo*. Recebe sua última comissão na Marinha. Não mais voltaria à ativa pois a saúde não lhe permitiria. O Museu Nacional de Belas Artes adquire o quadro *Oficinas*.

1941

O prêmio de viagem ao estrangeiro é conferido a José Pancetti. O Salão Nacional de Belas Artes, subdivide-se em Divisão Geral e Divisão Moderna. Pancetti foi o primeiro artista a ganhar o prêmio pela recém-inaugurada divisão, com a paisagem *O Chão*. O artista declara que o prêmio foi mais uma vitória da Divisão Moderna do que dele. Participa da mostra Arte Contemporânea do Hemisfério Ocidental, realizada no Museu Nacional de Belas Artes, com a obra *Capinzal*.

1942

É licenciado pela Marinha, viaja para Campos do Jordão, consegue alguma melhora, mas não se restabelece completamente. Impossibilitado de viajar para a Europa, em consequência da Segunda Guerra Mundial. Pancetti tencionava desfrutar seu prêmio nos Estados Unidos, mas devido ao seu estado de saúde, vê-se impedido de fazê-lo. Obtém, então, licença para converter em auxílio para tratamento de saúde, seu prêmio de viagem. Nasce sua filha Nilma. Pinta nas cidades de São João del Rei, Campos do Jordão, Itanhaém e Mangaratiba.

1943

Participa da Exposição de Arte Brasileira em Londres, em homenagem a RAF – Royal Air Force, na Burlington House. Expõe duas paisagens e um autorretrato, que é vendido.

1944

Participa da Exposição de Arte Moderna Brasileira da Prefeitura de Belo Horizonte, a convite de Guignard. Alguns artistas tiveram obras navalhadas pelo público.



Croqui de **Auto-vida**, 1945, nanquim sobre papel, 13 x 11 cm, Coleção Gilberto Chateaubriand Mam Rio, RJ



Auto-vida, 1945, óleo sobre tela, 65 x 54,5 cm Coleção Gilberto Chateaubriand Mam Rio, RJ



Pancetti ao centro, na exposição no Instituto dos Arquitetos, São Paulo, 1945



Ilha das enxadas, 1940, óleo sobre tela, 47 x 58 cm, Coleção particular, SP



Rio São João, 1947, óleo sobre tela, 55,5 x 65,5 cm, Coleção MAM São Paulo

1945

Faz sua primeira exposição individual no Instituto dos Arquitetos de São Paulo, apresentando 70 obras, entre paisagens, figuras e naturezas-mortas. A mostra é bem recebida pela crítica paulista. Participa da exposição itinerante *Arte del Brasil Moderno*, apresentada em Buenos Aires, La Plata e Montevidéu, organizada pelo escritor brasileiro Marques Rebello. Apresenta as obras *Ilha das Enxadas*, *Paisagem* e *Menina.*

1946

É reformado na Marinha ao mesmo tempo em que é promovido a 2º tenente. Realiza exposição Individual na Galeria Itapetininga com 60 trabalhos, na sua maioria paisagens de Itanhaém. Realiza sua primeira exposição individual no Rio de Janeiro na Galeria Montparnasse apresentando 30 obras.

1947

Recebe o Prêmio de Viagem pelo país no Salão Nacional de Belas Artes com a obra *Marinha*. Pinta Cabo Frio, Arraial do Cabo, Campos do Jordão, Mangaratiba, Campos do Jordão. Visita Salvador, a convite de Odorico Tavares.

1948

Recebe a Medalha de Ouro no Salão Nacional de Belas Artes, com a obra *Marinha*.

1949

Recebe a Pequena Medalha de Prata no 5º Salão Paulista de Belas Artes com a obra *Praia em Cabo Frio*, e o Segundo Prêmio Governador de São Paulo com a mesma obra.



O artista pintando na Praia da Barra, 1950 – Foto Pierre Verger

1950

Muda-se para Salvador. Expõe no Sindicato dos Empregados no Comércio, em Recife com 50 obras. A maioria pertencente à Coleção Abelardo Rodrigues. Participa da 25ª Bienal de Veneza, com as obras: *Pântano*, *Itanhaém*, *Marinha* e *Paisagem*. Dessa Bienal também participaram os artistas brasileiros: Volpi, Bruno Giorgi, Portinari, Cícero Dias, Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho, Lívio Abramo, Milton Da Costa, Goeldi, Burle Marx e Victor Brecheret.

1951

Participa da 1ª Bienal Internacional de São Paulo, com as obras: *Brejo*, 1948, *Marinha*, 1950, e *Da janela do meu atelier*, Bahia, s.d.



Pancetti com seus filhos Nilma e Luiz Carlos, 1954



Série Bahia, 1951, óleo sobre tela, 46,2 x 55,1 cm, Instituto Casa Roberto Marinho, RJ

1952

Realiza exposição em Salvador na Galeria Oxumaré apresentando 42 obras. Nasce seu filho Luiz Carlos. É promovido a primeiro-tenente.

1954

Recebe a Medalha de Ouro no Salão Baiano por sua participação com as obras *Praia de Itapuã* e *Marinha com coqueiros*.



Pancetti e sua mãe Corinna, 1954



Mario Cravo Jr, Dacosta, Goeldi, Maria Leontina, Mark Berkowitz, Pancetti e seu filho Luiz Carlos, c. 1955



Pancetti e Portinari, Rio de Janeiro, 1955

1955

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro realiza exposição individual do artista. São apresentadas 52 obras, datadas de 1936 a 1952. Participa da 3ª Bienal de São Paulo com as obras: *Autorretrato Cinza*, 1939, *Homem Louco*, 1940, *Marinha na Bahia*, 1950 e *Autorretrato*, 1954.



Coqueiros de Itapuã, 1956, óleo sobre tela, 45,4 x 64,4 cm, Coleção Santander Brasil



Diploma de Cidadão da Cidade de Salvador, 1957

1957

Em carta datada de 3 de outubro dirigida a Anita, sua mulher, diz-se muito comovido com a visita do crítico francês Jacques Lassaigne, que elogia sua obra. Revela também, com grande orgulho, a intenção do governo de conferir-lhe o título de Cidadão Baiano. Enfermo, transfere-se em novembro de Salvador para o Rio de Janeiro. Em seu diário, no dia 16 de outubro descreve a saída de Salvador:

> *Na estrada, desde o farol da Barra até Itapuã eu fiquei a olhar a praia e os coqueiros, as canoas dos pescadores e suas redes estendidas sobre as brancas areias que iam ficando. Um turista que vinha na frente do carro, com cara de norte-americano, batia fotografias do verde mar. Atrás dele um homem chorava por não poder mais interpretar aquelas deslumbrantes cores daquele mar tão familiar.*

Em 25 de novembro, já no Hospital Central da Marinha, anota:

> *Quando fiquei só, olhei pela janela o mar.*
> *O Pão de Açúcar. A linha do horizonte.*
> *O aeroporto Santos Dumont, o Mercado.*
> *O entreposto do peixe. As barcas iam e vinham. Vi o Arsenal fumegando. Vi os estaleiros, o mar cinza, cor de chumbo. Suspirei fundo. Não sei se foi saudade dos meus velhos tempos de marinheiro ou a impossibilidade de não poder empunhar a palheta e pincéis e dar amor à paisagem.*

Recebe o título de Cidadão de Salvador em 26 de dezembro de 1957.

1958

Falece a 10 de fevereiro no Hospital Central da Marinha no Rio de Janeiro. Na manhã de 11 de fevereiro, foi enterrado no Cemitério São João Batista. Além da família, estavam presentes seus amigos e admiradores: almirante Amorim do Vale, governador Antônio Balbino da Bahia, embaixador Maurício Nabuco, jornalista Roberto Marinho, Gilberto Chateaubriand, Milton Dacosta, Maria Leontina e outros. O poeta Augusto Frederico Schmidt, saudou o pintor em emocionada despedida.







Sem título [paleta do artista] s.d.
óleo sobre madeira 23 x 16,55 cm
Coleção Nilma Pancetti, Rio de Janeiro

One of the main roles of Farol Santander is to allow the public to have access to the works of artists whose careers are an integral part of Brazilian history of art. This is the case of José Pancetti, an important painter from the second phase of Modernism, whose name immediately brings to mind the sea, both in his art and in his profession as a sailor.

Interacting with the intensity of the light, the transparency of the air and the wide horizon that separates the sky and the water, Pancetti developed a vision that was decisive for the production of an oeuvre with clear lines: a simple, flawless and original painting.

Born in Campinas, he held his first exhibition in the city of São Paulo, but his art transcended frontiers and he became known throughout the country.

The exhibition, curated by Denise Mattar, showcases the artist's journey from his initial work up to his final production, featuring emblematic works that belong to private collectors and public institutions.

This selection allows the spectator to appreciate Pancetti's different facets through a set of works that have never before been seen together, and some of which are inaccessible to the general public. It is a rare and unique opportunity that Farol Santander is proud to offer its visitors.

Have a great visit!

Maitê Leite
Institutional Executive Vice-President

Santander

PANCETTI:

the sea when it breaks on the shore...

Pancetti was an original painter whose solitary temperament and practically self-taught training enabled the birth of a singular oeuvre, filled with lyricism, melancholy and poetry; an oeuvre that stirs emotions. In the words of Frederico Morais: "Pancetti's painting is like the deck of a ship, hardened by the sun and the salt. It doesn´t get rusty. Honest, clean, economic, direct, austere, almost dry, even when the color expands and the gesture contains emotion. There is nothing superfluous or wasted in it". Pancetti almost never made drawings, he just made a few notes in coal before beginning his paintings, and he didn´t like to work inside the studio, but preferred working in the open air; this is why his canvasses are mostly small sized.

Giuseppe Gianinni Pancetti was born in Campinas, in 1902, and moved with his family to São Paulo in 1912. His father, Giovanni, was a bricklayer and master builder in Italy who came to Brazil with his wife, Corinna, seeking better opportunities - which he did not find. The family was extremely poor and lived in precarious conditions, as was common to many immigrants. The vertiginous and chaotic growth process of the city of São Paulo submitted the general population to oppression and hardships that are unimaginable today. A workday lasted 16 hours; two thirds of the children died before they were two years old, and the police terrorized everyone .... It was in this difficult environment, and pressured by financial difficulties that, in 1913, Pancetti's father decided to send his children, Giuseppe and Ida, to Italy, accompanied by their uncle Casimiro, a marble merchant.

Young Giuseppe studied in Massa-Carrara and joined the Italian Merchant Navy when he was 16 years old. As a result of the First World War, he decided to return to Brazil in 1921, and the following year he was admitted as a cabin boy aboard the Paraná*. His difficult childhood and the hardships of his adolescence left deep marks on Pancetti's personality and health, and joining the Brazilian Navy was seen as a relief for his trials. Throughout his life his predisposition to tuberculosis and an excess of cigarettes obliged the artist to keep long periods of rest, a situation that was always understood by his superiors. He remained in active service until 1946 and, already retired,*

achieved the rank of Lieutenant. He was enormously proud of being a sailor and this love was reciprocated.

In the Navy, his talent for working with paints was soon recognized. "The commander asked me to paint his cabin, and I did it so well that I began to enjoy special consideration", he wrote in his diary. In his spare time, he painted postcards and covers of cigar boxes, which he exchanged with his mates for cigarettes. In 1929, the "paints boy" took part in a course for specialist assistants in which he learned the composition of paints, the utensils used for painting, and how to prepare surfaces. But he wanted more....

In 1933, Pancetti was sent to Rio de Janeiro to serve at the Quartel do Corpo de Fuzileiros Navais *and with this came the opportunity to study at the* Núcleo Bernardelli*. Founded in 1931, the nucleus acted as a free atelier that presented itself as being modern, with no teachers, only advisors, and the monthly fees were used to divide the costs of its maintenance. Among its members were: Edson Motta, Joaquim Tenreiro, Quirino Campofiorito, Bruno Lechowsky and young Milton Dacosta.*

This contact with his peers, however, was not a pleasant experience for Pancetti; the exercises bored him and the critiques even more. Thus, his stay was short but had important and lasting effects. One of the most significant of these was his encounter with Lechowski, from Poland, the only one that he recognized as a master. From him, Pancetti absorbed and developed, in his own way, a composition that was organized in geometric planes as well as the subtlety of his stroke and the austerity of color. It was also he who advised the artist not to leave his job in the Navy, so as not to have to commercialize his works. Another important factor that resulted from his work at the Núcleo Bernardelli *was that Pancetti began to participate regularly in the* Salão Nacional de Belas Artes *(National Salon of Fine Arts), thus becoming part of the select artistic circuit of the time, and receiving several medals and awards, including the coveted* Prêmio de Viagem ao Exterior *(Trip Abroad Award), in 1941.*

The artist´s esthetic journey is marked by progressive geometrization and by the importance that color gains over form, until it becomes almost the absolute protagonist in his compositions. To follow his career, however, rather than dividing it into chronological periods, it is more interesting to show the issues underlying his work: the rhythm of silence, the enchantment with everyday life, the emotion of color, and an acute, almost painful, lyricism. These permeate his entire production, produced in classical formats: landscape, portrait and still-life, which he cloaks in his own private and unexpected expressions, including genre hybridization. The aim of this exhibition is to follow this trajectory within each theme, revealing the delicate sobriety and dense charm that characterize the artist´s works.

Pancetti always painted that which was closest to him, and, thus, he began his work depicting boats, arsenals and Navy warehouses. About this phase, Mário Pedrosa used to say that the artist was "a machine to see, to see affectionately the external natural things, because for a sailor, a boat, whichever it may be, big or small, is always a work of nature, part of the

sea, creator of everything, of things and of men ...". The small oil on card painting Navio de casco vermelho *(Ship with a red hull), 1936, is an example of this loving regard that Pedrosa detects.* Ilha das Enxadas *(The Island of Hoes),1940, has the clear influence of Lechowsky, as does* Oficinas *(Workshop) that is part of the collection of the* Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro *(Museum of Fine Arts of Rio de Janeiro). Dated from 1941, with dimensions that are unusual by the artist's standards, the urban landscape* O Chão *(The Ground) is the painting for which Pancetti received the* Prêmio de Viagem ao Exterior*, at the first* Salão Nacional de Belas Artes *that included the Modern Division.*

The man from the sea appeared not to adapt well to the city, and in the first urban landscapes by Pancetti there is a pungent sensation of discomfort, which only adds power to his painting. People, when portrayed, are small and dominated by houses and alleys. These works have subdued colors with Cezanne-style reduced forms. Sem título*, s.d. (Untitled), illustrates this period well. His work,* Praça Clóvis Bevilacqua *(Clóvis Bevilaqua Square), 1949 has a special feature. Painted from the windows of the* Palacete Santa Helena*, the canvas places the church on the square in the foreground, but allows numerous sad, smoking chimneys from São Paulo's factories to be seen in the background. On another, milder tone, nostalgia also seems to permeate his works that were painted in* São João del-Rei*, in 1945, a city Pancetti liked and that was often depicted by him.*

The unease of the cities was not repeated in his contact with nature, and during his many trips throughout Brazil, Pancetti allowed himself to be totally infused by the light of each place, capturing the colors in an immediately recognizable manner. These works have subdued colors and reduced, almost geometrical, forms. The artist used marked, even abrupt, cuts and unusual framings that reveal his modern style, which was very different from that of his contemporaries. Once retired from the Navy, from 1946 on, Pancetti began to dedicate himself exclusively to painting. Without the institution's rigidness that had restrained his melancholic temperament, he turned to romantic affairs and bouts of drinking, alternated with moments when he dove into his natural solitude. He often traveled to the coast and began to depict it in a very personal manner. The artist who already habitually used the back of his paintings to make notes, began to intensify these notes. Carybé, very appropriately, said he "tattooed" his works.

Due to his fragile health, Pancetti often traveled to Campos do Jordão, since at that time the region was considered ideal for treating lung diseases. The artist painted several scenes of the city, but especially frequent are his paintings of the woodland in which he took long walks. Examples of this line are his works Floresta *(Woods), 1944 and* Bairro da Abissínia *(Abissínia neighborhood), 1949. When staying at the beach, he turned his attention to the humble and hard daily life of the seamen.* Arraial do Cabo*, 1945, is an unusual painting that shows a fishing village. Here the artist frames the beach and boats between two "stalls", showing the neglect and almost abandonment of the people sitting among the pecking chickens. A very similar view of this village would again be painted by the artist, in 1948. In these works, the people are simple and faceless, always small*

and painted with hardly any strokes. Rio São João*, 1947,* Cabo Frio*, 1949 and* Saquarema*, 1955, show another of Pancetti's remarkable characteristics, the use of a diagonal perspective, the oblique look, as though he saw the world through a large angular lens.*

Pancetti's portraits are very specific. Contrary to some of his peers, who accepted orders to carry out portraits of society figures, the artist always chose as his models less privileged people with whom he identified, making exceptions only for some writer friends or musicians. Fishermen, workers, washerwomen, housewives and some family members are seen in his pictures, painted without any embellishment, with complete and dry simplicity. Figura feminina *(Female figure), 1945, is a good example of this kind of work. The painter was especially lyrical when portraying children, observing them with great tenderness and gentleness. This is the case of* Retrato de Francisco *(Portrait of Francisco) that shows a black boy with a background of a hill in São João del-Rei, the city where Pancetti spent some time, in 1945. The figure occupies almost the entire canvas, with its gentle and naive expression. The same year, the artist paints a second version of this portrait known as the* Menino Bom *(Good Boy).*

In his self-portraits, however, he releases his imagination and paints his fantasies, presenting himself as different characters: sailor, painter and bishop, giving each of these personas different psychological densities. In his work, with the title of Autorretrato *(Self-portrait), 1939, the artist presents himself as an urban man, dressed with laid-back elegance. His casual clothing, which must have been strange at a time of strict dress codes, would today be seen as fashionable. In* Autorretrato*, 1940, Pancetti presents himself as a laborer. He contrasts his angular face with a dark tinted half-grown beard, with a pink hue that he replicates on his tee-shirt, accentuating the firmness of his face. In both works, his expression is somewhat challenging, combining awe and mistrust. According to critic Antônio Gonçalves Filho: "The painter portrayed himself with an aggressive air, since aggressive, in his opinion, was the world that surrounded him and to become aggressive was the solution he found to survive".*

In the painting he called Auto-vida *(Self-Life), Pancetti creates an emblematic self-portrait in which he blends reality, imagination and irony. In this work, he is wearing a sailor's uniform, with a cap from the* Rio Grande do Norte *ship and is holding a book with the title of* Ismos *(Isms), presenting himself as a sailor and a painter. The book in his hands, published in 1931 by Spanish poet Ramón Gómez de la Serna, is a critique of the artistic movements that seemed to appear endlessly: impressionism, cubism, expressionism, surrealism, figurativism, abstractionism – something that must have perplexed Pancetti, since his painting was dissociated from any movement. In the exhibition, this painting is accompanied by a sketch, which, however, does not appear to be a preparatory sketch for the work but instead a record of the artist's work that he considered one of his best creations. It is worthwhile noting that Pancetti circulated between two very different worlds, his simple daily life as a sailor which reminded him of his humble origins, and the sophisticated world of visual arts in which he was praised as a genius, his*

success reverberating also among the high ranks of the Navy – a dichotomy that intensified his dramatic temperament.

Pancetti's still-lifes have no parallel in Brazilian art, they are a hybridization of the traditional genres of painting, including fruit, pictures, flowers, seascapes and landscapes, with almost photographic cuts, that reveal surprising angles of banal everyday elements. His first works are produced with low, sober shades on the chromatic scale and his composition is almost classical. Slowly, however, the artist becomes increasingly daring and, with a theme that adapts perfectly to the static nature of his works, he produces true masterpieces that are extremely well represented in this exhibition. Among these are the van Gogh-style sunflowers depicted on the canvas, Sem título *(Untitled), 1940, the Cezanne-style apples seen in* Campos do Jordão*, 1943 and* Natureza-morta *(Still-life), 1946. The works of the* Mata São João *(São João Woodland) series, 1951, are a complete expression of the artist's originality in still-life painting, gathering objects, paintings and fruit shown from an unusual perspective.*

Seascapes are the artist's most known facet and the set presented in this exhibition follows his career. It goes from the austere images of different points of the Brazilian coast, revealing the intense chromatism and diagonal composition of his Bahia period, to the economy of elements in his final production, with condensed works in which the restrained composition becomes almost abstract.

His move to Bahia, in the decade of 1950, modified Pancetti's personality and oeuvre. Happiness made the artist more tender, with an explosion of colors that were fiery and strong. The artist arrived in Salvador at a special moment, when the recently founded Universidade da Bahia *was offering avant-garde classes given by intellectuals such as: Koellreutter, Lina Bo Bardi, Yanka Rudzka and Martim Gonçalves. In harmony with this effervescence, visual artists such as Mario Cravo Jr., Genaro de Carvalho, Carybé, Rubem Valentim and Agnaldo dos Santos were building a remarkable image of Bahia. Thus, Pancetti circulated between the sacred world of Mestre Didi, the sensual narratives of Jorge Amado and the sound of Caymmi, who celebrated, with his guitar, the beauty and power of Iemanjá, lady of the waters and queen of the sea. Musician and painter became close friends, and confirming the affinity that existed between their compositions – musical and pictorial – we are presenting in this exhibition an immersive installation that brings together five of Caymmi's songs with images and sounds of the sea.*

During this period, Pancetti´s seascapes and landscapes became intense and full of light, and his love for the city perpetuated the beautiful Salvador of the 1950s in works such as: Musa da paz *(Muse of peace), 1950,* Igreja de Santo Antônio da Barra *(Church of Santo Antônio da Barra), 1951, Bahia, 1951,* Lagoa do Abaeté *(Abaeté Lagoon), 1952,* Paisagem de Itapuã *(Landscape of Itapuã), 1953,* Farol da Barra *(Barra Lighthouse), 1954,* Coqueiros de Itapuã *(Palm trees in Itapuã), 1956 and the two canvasses of* Lavadeiras do Abaeté *(Washerwomen from Abaeté), 1957. Discovering the Abaeté Lagoon, with its dark waters, white sand and the colored feast of the washerwomen's cloths was another moment of enchantment for the artist, as reported by Aloysio de Paula: "His light is enriched and*

acquires a power and intensity that he had never shown before. Everything sings in Abaeté. His greens are greener, his reds are redder." Most unusual are his works Pescadores *(Fishermen), 1956, that brings to mind the drawings of Carybé, and Bahia, a vibrant and extraordinary sunset.*

The artist also creates poetic works, such as Marinhas *(Seascapes) 1952 and 1953,* Sem título *(Untitled), 1952, and others with exuberant colors such as the two canvasses* Mar Grande *(Great Sea), 1954, and* Itapuã*, 1956. Regarding this moment of intense production, Vera Pacheco Jordão comments: "Even the landscapes that are practically abstract are firmly anchored in a sensual reality. The transition from ochres to violet on the edge of the water is the visual expression of one who has not only seen with his eyes but has also felt with his feet the hot, light and loose sand, the humid, heavy and dark sand, and the wet, viscous and soft sand of the dark surface upon which the shiny film of water slides. Pancetti's landscape is a projection not only of this physical experience but of sentiment".*

The artist's compulsive production and excesses caused his ever latent disease to aggravate and, consequently, in 1957, he is obliged to go to Rio de Janeiro for more adequate treatment. Pancetti was interned in the Hospital Central da Marinha*, and in spite of the care he received there, he died in early 1958. Before leaving Bahia, he wrote in his diary:*

> On the highway, from the Barra lighthouse to Itapuã,
> I gazed at the beach and the palm trees, the fishermen's boats and their nets left behind and stretched out over the white sands. A tourist, who looked North-American, was seated in the front of the car taking photos of the green sea. Behind him, a man cried because he could no longer represent the amazing colors of that very familiar sea.

The kiss between the sea and the sand is a recurring theme in Pancetti's works. A love affair that he depicted throughout his lifetime, always with emotion. This encounter also enchanted his friend, Dorival Caymmi, who in his deep voice, sang: the sea, when it breaks on the shore, is lovely, is lovely...

Denise Mattar
Curator



Portraits

Pancetti's portraits are singular. Differing from his peers, who accepted orders to produce portraits of society figures, the artist always chose, as his models, people from the masses with whom he identified, making some exceptions for friends who were writers or musicians. Fishermen, workers, washerwomen, housewives and a few family members inhabit his pictures, painted without any kind of embellishment or exaltation, with an unforgiving and dry simplicity. Pancetti doesn't hide the sadness and despondency that so often accompanies manual labor. The painter was especially lyrical when portraying children, observed with great tenderness and gentleness. In his self-portraits, however, he releases his imagination and paints his fantasies, appearing as different personalities: a sailor, painter, fisherman, city dweller, admiral, bishop, and giving each of these personas different psychological density.

Still-lifes

Pancetti's still-lifes have no parallel in Brazilian art. In these, the artist shares the inevitable influence of Van Gogh and Cézanne, but, from the beginning, this line already presents his own original characteristics. Slowly, Pancetti becomes increasingly daring, and with a theme that adapts perfectly to the static character of his production, he creates true masterpieces. His still-lifes are a hybridization of the traditional genres of painting, mixing, fruits, flowers, pictures, paintings and figures, all shown in unusual framing, with singular angles and perspectives, creating a superimposition of information. Thus, in his apparent simplicity, Pancetti establishes a sophisticated metalanguage, in which the painting speaks about painting.

Coqueiros de Itapuã 1956 (detalhe)

Landscapes

Pancetti always painted what was closest to him, and, for this reason, he began his work depicting boats, arsenals and Navy warehouses. The man from the sea appears not to adapt well to the city, and, in his first urban landscapes is felt a sharp sensation of discomfort that only adds power to his painting. The people, when portrayed, are small and dominated by houses and alleys, and the streets and yards are almost always empty. This unease of the cities was not repeated in his contact with nature, and during his many trips throughout Brazil, Pancetti allowed himself to be infused with the light of each location, capturing the characteristics of the waters, the sky and the vegetation. These works contain subdued colors and reduced, almost geometric, forms. The artist used marked, even abrupt, cuts and unusual framing that reveal his modern style that was very different to that of his contemporaries.

Bahia

His move to Bahia, in the decade of 1950, modified Pancetti's personality and oeuvre. Happiness made the artist more tender, with an explosion colors that were hot and strong. His seascapes became intense and full of light, and his love for the city perpetuated the beautiful Salvador of that time. Pancetti arrived at a special moment, because, at the recently founded University of Bahia, completely avant-garde classes were being given by intellectuals, such as: Koellreutter, Lina Bo Bardi, Yanka Rudzka and Martim Gonçalves. In harmony with this effervescence, visual artists such as Mario Cravo Jr., Genaro de Carvalho, Carybé, Rubem Valentim and Agnaldo dos Santos were building a remarkable image of Bahia. Thus, Pancetti moved among the sacred world of Mestre Didi, the sensual narratives of Jorge Amado and the sound of Caymmi, celebrating with his guitar the beauty and power of Iemanjá, lady of the waters and queen of the sea.

Seascapes

Pancetti painted throughout his entire life, significantly increasing his production from 1946, when he retired from the Navy. From then on, the sea, which was already fundamental in his production, became increasingly important. The artist's esthetic path is marked by a progressive geometrization, and by the importance that color gains over form, until it becomes virtually the absolute protagonist in his compositions. He paints the ochre, pink and violet of the sunset upon the seashore. The meeting between the sea and the sand becomes increasingly recurrent, and, in this process, Pancetti reduces form to a minimum, becoming practically abstract.

JOSÉ PANCETTI

(Campinas, SP, 1902 – Rio de Janeiro, RJ, 1958)



Pancetti wearing his gala uniform, 1952



At the age of 11, in Massa-Carrara, Italy, 1913



The Pancetti family, in Pietra Santa, Italy, 1913

1902

According to his birth certificate, Giuseppe Gianinni Pancetti, the son of Italian immigrants, was born on June 18, in the neighborhood of Taquaral, in Campinas, São Paulo. The artist said he was born in 1904. This is why most of what has been written about him mentions this date. Giovanni Pancetti, his father, was a bricklayer, a master builder and a musician and his mother, Corina Giannini Pancetti, was a peasant. Both were from Tuscany; he from Pietrassanta, she from Covaia. They arrived in Brazil at the end of the XIX century and settled in Campinas. Early on, the artist changed his name to José Pancetti to sound more Brazilian.

1912

The family moves to the city of São Paulo, settling in the Brás neighborhood. Giovanni Pancetti works on the construction of the Municipal Theater.

1913

As a result of financial difficulties, young Giuseppe, together with his sister, are sent to Italy accompanied by their uncle Casimiro, a marble sculptor and merchant. There he studies at a Salesian school, completing his primary education and his second year of middle school, winning a gold medal for his achievements as a student.

1917

With his uncle's mobilization during the war, the boy abandons his studies and moves to Pietrassanta to live with his grandfather who wants to turn him into a farmer. Pancetti doesn't adapt to country life; he prefers working in an armaments factory or as a carpenter in a coffin workshop.

1918

A the end of the war, Pancetti, aged 16, embarks on the Maria Rosa *clipper of the Italian Merchant Navy and works on his first trip as a* mozzo *(cabin boy), on the Genoa–North Africa route. A few months later, he is admitted as a piccolo (ship's boy) on the Italian merchant ship,* Tommazo de Savoya*, sailing to Brazil and disembarks in Santos.*



Port Authorities of Viareggio Registration, 1918

In the Brazilian Navy as a cabin boy, 1922





***Marinha**, 1936, oil on wood, 21 x 24 cm, private collection, SP*

Aboard the Bahia*, 1926*



1919/20

Returning to São Paulo, he begins anew his struggle for survival, working at several different jobs. He works for the first time as a painter at the Oficina Beppe that specializes in decorative wall painting.

1921/22

He moves to Rio de Janeiro and a few months later joins the Navy as a cabin boy aboard the Paraná.

1923

He receives his Navy chevrons as an Able Seaman. As a corporal, Pancetti becomes known as "the paint boy", a designation given in the Navy to the person in charge of the ship's paints compartment.

1925

Painting came into Pancetti's life in a singular manner; he painted seascapes on cigar boxes and post cards which he exchanged for cigarettes with his mates.

1926/28

He joins a company that specializes in decks, working as a painter. Travels to the United States aboard the Bahia *and to Philadelphia to take part in the celebrations of 150 years of Independence. Promoted to fleet corporal.*

1929

He is interned in the Naval Sanatorium of Nova Friburgo to treat pulmonary tuberculosis. Promoted to staff sergeant.

Article in Noite Illustrada*, 1932*


UM AMADOR DA PINTURA



***Marinheiro**, 1933, watercolor on paper, 32 x 21,8 cm, Gilberto Chateaubriand collection, Mam Rio, RJ*

1932

As a sailor, he participates in the political movements of 1922, 1924, 1930, 1932 and, this same year, has his first painting, a seascape, published in the A Noite Illustrada*. On October 5, he is mentioned in a short text under the title of* Um Amador da Pintura*.*

1933

Now as a sergeant, he enrolls in the Núcleo Bernardelli accompanied by painter Giuseppe Gargaglioni and sculptor Paulo Mazzuchelli. Pancetti mentions Bruno Lechowski and Milton Dacosta as the members of the nucleus who most helped him during this initial learning period. In a short time, he rebels against the lessons, which he considers boring. Exhibits for the first time at the Salão Nacional de Belas Artes (National Salon of Fine Arts), presenting his works: Trecho da Cidade (Part of the City) and Docas do Arsenal (Docks of the Arsenal).

1934

Travels to England, joining the select crew of the Almirante Saldanha school-ship on its maiden voyage. On July 7, he sets sail from England, docking at Cherbourg and Le Havre. Travels to Paris to visit museums. The ship makes port calls at: Lisbon, Barcelona and Spezia. Returns to Italy after 12 years, traveling to Florence and Carrara, where he visits the Salesian school and friends and family once again. On his return trip to Brazil, the Commander announces that Sergeant José Pancetti had received an Honorable Mention at the Salão Nacional.



The Almirante Saldanha *ship, 1934*

1935

Marries Anita Caruso on April 27. Participates in the Salão Nacional de Belas Artes. For the first time he sells a painting, Beira de cais *(On the Quay), for 200 thousand réis, to caricaturist Álvarus.*



Anita Caruso and Pancetti on their wedding day, 1935

1936/38

He participates in the Salão Nacional de Belas Artes, presenting three works: two seascapes and Navios em Reparo *(Ships under Repair). Wins the Bronze Medal. Promoted to Master Sergeant and wins the Bronze Medal at the Salão Paulista.*



At the exhibition Arte Contemporânea do Hemisfério Ocidental*, Museu Nacional de Belas Artes, RJ, 1941*

1939

Wins the Silver Medal at the Salão Nacional de Belas Artes for Estudo *(Study). Receives his last Commission from the Navy. He would no longer return to active duty since his poor health would not allow it. The* Museu Nacional de Belas Artes *(National Museum of Fine Arts) acquires his painting* Oficinas *(Workshops).*

1941

The prize of a trip abroad is granted to José Pancetti. The Salão Nacional de Belas Artes, is divided into General Division and Modern Division. Pancetti was the first artist from the newly inaugurated division to win the prize, for his landscape O Chão *(The Ground). The artist declares that the prize is more of a victory of the Modern Division than his own. Participates in the exhibition* Arte Contemporânea do Hemisfério Ocidental *(Contemporary Art from the Western Hemisphere), held at the Museu Nacional de Belas Artes, showing his work,* Capinzal *(Wheatfield).*



***O Chão**, 1941, oil on canvas, 61,5 x 81 cm, Museu Nacional de Belas Artes collection, RJ*

1942

He is discharged from the Navy and travels to Campos do Jordão, where his health improves somewhat, but he does not fully recover. Unable to travel to Europe due to the Second World War, Pancetti intends to enjoy his prize in the United States, but because of his poor health he is unable to do so. Instead, he obtains permission to exchange his Prize Abroad for assistance with his medical treatment. His daughter, Nilma, is born. He paints in the cities of São João del Rei, Campos do Jordão, Itanhaém and Mangaratiba.



***Arraial do Cabo**, 1945, oil on canvas, 50 x 73 cm, Alfredo Andreoli Pinto and Adriana Andreoli collection, São Paulo*

1943

Participates in the Exhibition of Brazilian Modern Paintings in London, a tribute to the RAF – Royal Air Force, at Burlington House. He exhibits two landscapes and a self-portrait, which is sold.

1944

Participates in the Exposição de Arte Moderna Brasileira (Exhibition of Brazilian Modern Art) at the Prefeitura de Belo Horizonte (City Hall of Belo Horizonte), at the invitation of Guignard. Some of the artists had their works slashed by the public.



*A sketch of **Auto-vida**, 1945, India ink on paper, 13 x 11 cm, Gilberto Chateaubriand Mam Rio collection, RJ*



***Auto-vida**, 1945, oil on canvas, 65 x 54,5 cm Gilberto Chateaubriand Mam Rio collection, RJ*



Pancetti, in the middle, at the exhibition at the Instituto dos Arquitetos, São Paulo, 1945



***Ilha das enxadas**, 1940, , oil on canvas, 47 x 58 cm, private collection, SP*



***Rio São João**, 1947, oil on canvas, 55,5 x 65,5 cm, Mam São Paulo collection*

1945

Holds his first solo exhibition at the Instituto dos Arquitetos de São Paulo *(Institute of Architects of São Paulo), presenting 70 works, including landscapes, figures and still-lifes. The exhibition is well-received by the critics from São Paulo. Participates in the itinerant exhibition* Arte del Brasil Moderno*, shown in Buenos Aires, La Plata and Montevideo, organized by Brazilion writer Marques Rebello. Exhibits his works* Ilha das Enxadas *(Island of Hoes) ,* Paisagem *(Landscape) and* Menina *(Girl).*

1946

He retires from the Navy and at the same time is promoted to Second Lieutenant. Holds a solo exhibition at the Galeria Itapetininga showing 60 paintings, most of which are landscapes of Itanhaém. Holds his first solo exhibition in Rio de Janeiro at the Galeria Montparnasse presenting 30 works.

1947

He receives the Award of a Trip Around the Country at the Salão Nacional de Belas Artes for his painting Marinha *(Seascape). Paints Cabo Frio, Arraial do Cabo, Campos do Jordão, Mangaratiba, Campos do Jordão and visits Salvador, at the invitation of Odorico Tavares.*

1948

Receives the Gold Medal at the Salão Nacional de Belas Artes, for Marinha*.*

1949

Receives the Small Silver Medal at the 5th Salão Paulista de Belas Artes *for* Praia em Cabo Frio *(Beach in Cabo Frio), and the* Segundo Prêmio Governador de São Paulo *(Second Governor of São Paulo Award) for the same painting.*



The artist painting on the Praia da Barra, 1950 – Photo, Pierre Verger

1950

Moves to Salvador. Exhibits 50 works at the Sindicato dos Empregados no Comércio *(Union of the Employees of Commerce), in Recife, most of them belonging to the Abelardo Rodrigues collection. Participates in the 25th Biennale di Venezia with his paintings:* Pântano *(Swamp),* Itanhaém, Marinha *(Seascape) and* Paisagem *(Landscape). Participating in this Biennial are also Brazilian artists: Volpi, Bruno Giorgi, Portinari, Cícero Dias, Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho, Lívio Abramo, Milton Da Costa, Goeldi, Burle Marx and Victor Brecheret.*

1951

Participates in the 1st Bienal Internacional de São Paulo *(First International Biennial of São Paulo), with his paintings:* Brejo *(Marsh), 1948,* Marinha *(Seascape),1950, and* Da janela do meu atelier *(From the window of my studio), Bahia, s.d.*



Pancetti with his children, Nilma and Luiz Carlos, 1954



***Série Bahia**, 1951, oil on canvas, 46,2 x 55,1 cm, Instituto Casa Roberto Marinho, RJ*

1952

Holds an exhibition in Salvador at the Galeria Oxumaré presenting 42 works. His son, Luiz Carlos, is born. Promoted to Lieutenant.



Pancetti and his mother, Corinna, 1954

1954

Receives the Gold Medal at the Salão Baiano *(Bahia Salon) for his works* Praia de Itapuã *(Itapuã Beach) and* Marinha com coqueiros *(Seascape with Palm Trees).*



Mario Cravo Jr, Dacosta, Goeldi, Maria Leontina, Mark Berkowitz, Pancetti and his son Luiz Carlos, c. 1955



Pancetti and Portinari, Rio de Janeiro, 1955

1955

The Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro *(Museum of Modern Art of Rio de Janeiro) holds a solo exhibition of the artist. Fifty-two works are shown, dating from 1936 to 1952. Participates in the 3rd Bienal de São Paulo with his works:* Autorretrato Cinza *(Grey Self-Portrait), 1939,* Homem Louco *(Madman), 1940,* Marinha na Bahia *(Seascape in Bahia), 1950 and* Autorretrato *(Self-Portrait), 1954.*



***Coqueiros de Itapuã**, 1956, oil on canvas, 45,4 x 64,4 cm, Santander Brasil Collection*



Diploma of Citizen of the City of Salvador, 1957

1957
In a letter dated October 3, addressed to his wife, Anita, he says he was greatly moved by the visit of French critic, Jacques Lassaigne, who praised his work. He also reveals, with great pride, that the government intends to offer him the title of Cidadão Baiano *(Citizen of Bahia). Unwell, he moves from Salvador to Rio de Janeiro in November. In his diary, on October 16, he describes leaving Salvador:*

> On the highway, from the Barra lighthouse to Itapuã, I gazed at the beach and the palm trees, the fishermen's boats and their nets left behind and stretched out over the white sands. A tourist, who looked North-American, was seated in the front of the car took photos of the green sea. Behind him, a man cried because he no longer could represent the amazing colors of that very familiar sea.

On November 25, now in the Hospital Central da Marinha, he writes:

> When I was alone, I looked out of the window at the sea. The *Pão de Açúcar* (Sugar Loaf). The line of the horizon. The Santos Dumont airport, the Market. The fish outpost. The ferries coming and going. I saw the Arsenal blowing smoke. I saw the shipyards; the grey, lead colored, sea. I breathed deeply; I don't know whether I was yearning for the old times as a sailor or the impossibility of holding the palette and paintbrushes and offering my love to the landscape.

1958
He dies on February 10, at the Hospital Central da Marinha *(Central Navy Hospital) in Rio de Janeiro. On the morning of February 11, he is buried in the São João Batista cemetery. Present, together with his family, are friends and admirers, such as: Admiral Amorim do Vale, Governor Antônio Balbino da Bahia, Ambassador Maurício Nabuco, Journalist Roberto Marinho, Gilberto Chateaubriand, Milton Dacosta, Maria Leontina and others. Poet Augusto Frederico Schmidt, eulogized the painter with an emotional farewell.*

SANTANDER BRASIL

Presidente · ***President***
Mario Leão

Vice-presidente executiva institucional
Institutional Executive Vice-president
Maitê Leite

Head – Experiências & Cultura
Head – Experiences & Culture
Bibiana Berg

FAROL SANTANDER SÃO PAULO

Head – Faróis Santander São Paulo e Porto Alegre e Coleção Santander Brasil
Leader – Faróis Santander São Paulo and Porto Alegre and Santander Brasil Collection
Carlos Eugênio Trevi

Especialista – Exposições
Exhibitions – Specialist
Danielle Domingues

Especialista – Eventos
Events – Specialist
Catiuscia Michelin

Especialista – Comunicação
Communication – Specialist
Gustavo Rosa Favaro

Estagiária · ***Intern***
Giovanna Lagoeiro Nunes

Gestão Predial · ***Building Administration***
Barbara Rema
Tools Digital Services

Caio Guimarães
Geany Xavier
Cushman Wakefield

Manutenção Predial e Missão Crítica
Building Maintenance and Critical Mission
Diogo Machado
Tools Digital Services

Manutenção Predial · ***Building Maintenance***
Aguinaldo Evangelista dos Santos
Arlon de Jesus Aroucha
Celso Primo
Diego de Oliveira dos Santos
Diogo Willians de Oliveira
Ednaldo Santos Nascimento
Fabio Floriano da Silva
Francisco Wanderson
Gabriela Silva Monteiro
Giovanni Romano Pitarello Sanches
Ivan Veloso
Junio da Silva Santos
Paulo Roberto Lima Luciano da Silva
Paulo Rubens Abreu Kaminsky
Renato Marino Dias
Conbras Serviços técnicos de Suporte

Rafael Esteves
Rian Pereira Santos
Manserv

Áudio e vídeo · ***Audio and video***
Marcelo Nunes
Quézia Sales Alexandrino
Empresa SEAL

Coordenadoras de assistentes culturais · ***Coordination of Cultural Assistants***
Joelma Lopes da Silva
Vanessa Cristina Rosa dos Santos
Sympla

Assistentes culturais · ***Cultural Assistants***
Alana Cardoso Batista
Ana Clara Dantas Beserra
Azeni Lucas dos Santos
Beatriz Vieira dos Santos
Breno Tavares Carvalho Nogueira
Ettore Thierry de Lima Leite
Fernanda Muniz Damasceno Jorge
Francielle Aparecida Custódio
Jane Cleide da luz Modesto
João Victor de Brito
Jonathan Aguiar Cruz
Jose Eduardo Nogueira de Oliveira
Lucas Miguel de Almeida
Sympla

Especialista de segurança · ***Security Specialist***
Renato Ferreira dos Santos

Supervisor de segurança · ***Security Supervisor***
Edson Costa
Grupo Espartaco

Bombeiros, vigilantes e controladores de acesso
Firefighters, guards and access controllers
Alexandre Antonio da Silva
Alex Saraiva Belo
Alisson Gabriel Tavares Pina
Allan Vital da Silva
Alysson Luiz da Silva
Ana Claudia da Silva
Antonio José Nunes da Silva
Antonio Raimundo C. de Jesus
Beatriz Almeida dos Santos
Carlos Alexandre Jesus
Danilo Pereira Belo
Denis Franciscus Alves Silva
Diego Michel Freire Santos
Douglas Lopes da Silva
Edson Andre da Silva
Elaine C. Silva Moreira
Eliane C. dos Santos Fernandes
Emiliano da Silva
Fabiana X. dos S. Nascimento
Felipe Adorno Ikeda
Flavio de Oliveira Lobo
Gianluca Ribeiro Galli
Gilmar Santana Hipólito
Gilmara Santana
Gleison da Silva Souza
Guilherme Castelo Teixeira
Helio Gonçalves da Silva
Iranilson Candido Silva
Jean Paulo Martins Santos
Jesilene Lopes de Morais
Josenil Sandes Santos
Leandro Bueno
Lucas Guzzo Pereira
Lucas Nogueira Rodrigues
Luiz Felipe Correia de Freitas
Luiz Fernando Inacio Silva
Matheus Ferreira de Araujo
Nádia Aleixo de Souza
Patricia Rossi Bronze
Pedro Cremildo de Souza
Rafael dos Santos Ferreira
Rita de Cassia Silva A. da Costa
Rodrigo Faustino Miranda
Sebastião Arodo de Lima
Sebastião Rabelo da Silva
Sergio Carrara
Sinatiely Lorena da Silva Avelino
Tarciso do Vale Santos
Tiago Oliveira de Souza
Ulisses Caetano de Oliveira
Victor Hugo Lima de Souza
Vinicius Alexandre R. Leitão
Vinicius Maturchi Santos
Grupo Espartaco

Recepção · ***Reception***
Gisele Cristina Batista de Oliveira
Luana Ferreira de Paula
Verônica Alves Santos da Silva
Empresa OSESP Serviços

Coordenação de limpeza predial
Coordination of Building Cleaning Services
Daniela Mayumi
Fabiana Silva de Jesus
Marcia Cardoso dos Santos
Grupo GPS

Limpeza predial · ***Building Cleaning Services***
Alciene Lopes
Amarildo Assunção
Anna Paula Ferraz
Carolina Beatriz
Edilene Silva
Elaine Cristina de Almeida
Elizabete Maria do Nascimento
Elizeu França
Erika Anielle
Gilvan Augustinho
Jaqueline Pereira
Jefferson de Oliveira
Joana Darc
Joselita Nascimento
Josiane Jesus
Keyla Beatriz Ribeiro
Luciene Serafim
Maria Eliane
Nancy Mara
Nathally Weida Dias Pereira
Raimunda Nonata
Raimundo Clerio
Renata Patricia Gomes
Renato Bessa
Rodrigo Santana
Tainara Caetano
Valdenice Costa
Valeria Adriana
Wesley Serafim
Grupo GPS

Exposição · ***Exhibition***

Curadoria · ***Curatorship***
Denise Mattar

Coordenação · ***Coordination***
Marcio Gobbi
MG Produções Culturais

Design de montagem · ***Exhibition Design***
Guilherme Isnard
Márcio Gobbi

Iluminação · ***Lighting***
MMV Montagem Áudiovisual

Produção executiva · ***Executive Production***
Izabel Ferreira
Memória Visual Ltda

Produção Local · ***Local Production***
Fabia Feixas
Mais Produtora

Design gráfico · ***Graphic Design***
Hélio Fukuda
Paulo Humberto L. de Almeida
Ludovico Desenho Gráfico

Assistente de curadoria · ***Curatorial Assistant***
Felipe Barros de Brito

Assistente de produção · ***Production assistant***
Marcel Filipe Silva Pimenta

Fotos e vídeos · ***Photos and videos***
Raquel Silva

Revisão de textos · ***Proofreading***
Jhony Arai

Tradução de textos · ***Translation***
Monica Mills

Museologia · ***Museology***
Débora Reina – Rio de Janeiro, RJ
Mariane Tomi Sato – São Paulo, SP

Sinalização · ***Signaling***
Secall Comunicação Visual

Montadores · ***Assemblers***
João Waitz
Ricardo Soares da Silva

Molduras · ***Frames***
Jacarandá Molduras
Metara Arte e Molduras

Pintura · ***Painting***
Charles F.P. Simões
Gabriel H. Pereira de Lima
Geovany Pereira de Lima
Marcos Aurélio L. de Oliveira Jr.
Pedro Vinicius Santos
Ruan Santos Silva

Cenotécnica · ***Cenotechnics***
Artos Ltda
Facto Arte

Limpeza · ***Cleaning***
Katarine Uchoa de Araújo
Mariana Souza Lira
DES Eventos

Seguro · ***Insurance***
Affinitè Consultoria e Corretagem de Seguros
Liberty Seguros S/A

Logística · ***Logistics***
Nilson Lopes
Pedro Henrique Lopes

Transportadora · ***Shipping Company***
Alves Tegam

Educativo · ***Educational***
Coordenação geral
Fabia Feixas
Mais Produtora

Coordenação monitores
Camila Campos

Monitores
Claudia da Costa Salgado
Débora Helena Seiva
Lunara Carolline Nascimento Gomes
Théo Kiyoyuki Yano

Instalação · ***Instalation***
Violonista · ***Guitarist***
Eduardo Luedy

Arte Digital · ***Digital Art***
Adriana Pedrosa
Guilherme Isnard

Assessoria de Imprensa · ***Press Agent***
Marra Comunicação

Catálogo · ***Catalog***

Organização · ***Organization***
Marcio Gobbi

Texto · ***Text***
Denise Mattar

Design gráfico · ***Graphic Design***
Paulo Humberto L. de Almeida
Ludovico Desenho Gráfico

Fotos · ***Photos***
Fernando Silveira
Jaime Acioli
Raquel Silva
Romulo Fialdini
Motivo Processamento Imagem e Comunicação

Revisão de textos · ***Proofreading***
Jhony Arai

Tradução de textos · ***Translation***
Monica Mills

Agradecimentos • ***Acknowledgments***

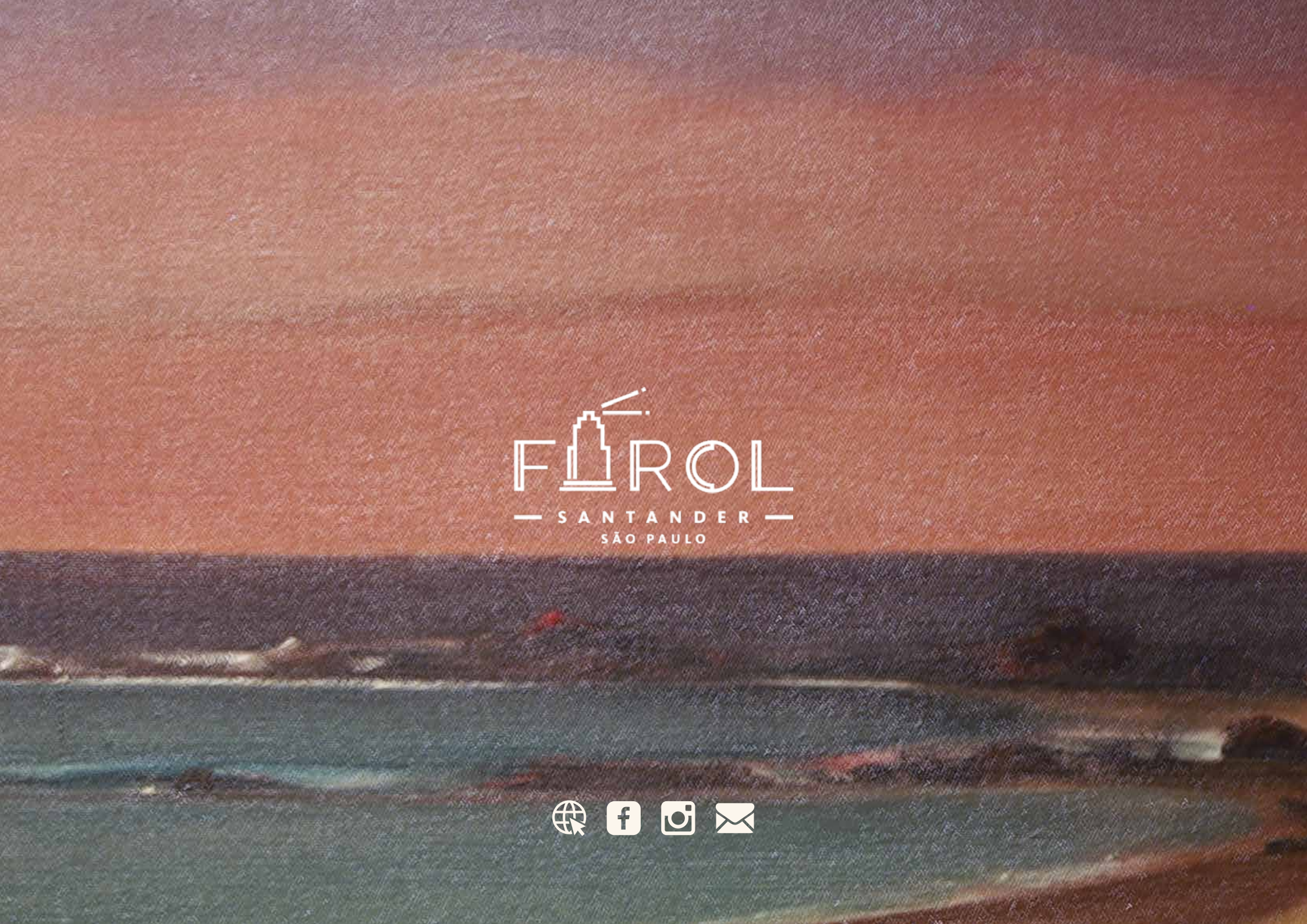
Adriana Andreoli
Alfredo Andreoli Pinto
Alfredo Rizkallah
Ana Dale
Antonio Almeida
Antonio Luiz Cabral de Oliveira Machado
Antonio Bias Bueno Guillon
Beth Mangione
Breno Krasilchik
Camila Pinho
Carlos Alberto Gouvêa Chateaubriand
Carlos Dale
Carolina Tatani
Catia Louredo
Cauê Alves
Celita Procópio
Cica Lima
Claudia Simone
Daniel Barretto da Silva
Daniela Matera do Monte Lins
Danilo Caymmi
Denise Guiglemeti
Eduardo Luedy
Erica Schmatz
Felippe Naus
Fernanda Celidônio
Joao Luiz Domingues Barbosa
Larissa Long
Laura Suzana Rodriguez
Lauro Cavalcanti
Licia Olivieri
Liége Zampol
Luiz Estevão e Cleucy Oliveira
Lula Buarque de Holanda
Marcio Lobão
Marcos Ribeiro Simon
Maria Ângela Rizkallah
Mariana Leão
Orandi Momesso
Pablo Lafuente
Patrícia Cesário
Patricia Pinto Lima
Regina Teixeira de Barros
Ricard Akagawa
Ricardo Simon
Simone Bibian
Sofia e Sergio Fadel Lobão
Tatiana Kallas
Ula Pancetti

Almeida & Dale Galeria
Banco Itaú
Coleção Gilberto Chateaubriand – MAM Rio
Fundação Itaú
Instituto Casa Roberto Marinho
Itaú Cultural
Koa Participações Ltda
Mangione, Filhos & Cia Ltda
Museu de Arte Brasileira da FAAP
Museu de Arte Moderna de São Paulo
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
Museu Nacional de Belas Artes / Ibram
Paulo Darzé Galeria

Patrocínio

Produção

Realização


FAROL
SANTANDER
SÃO PAULO